

Batalha de Alcácer Quibir, 1578
Battle of Ksar el Kebir, 1578



*TERRITÓRIO, DESLOCAMENTOS E
ESCRITA*

**ESTUDOS DE LITERATURA
PORTUGUESA I**

ANTOLOGIA E QUESTÕES

por

IDA FERREIRA ALVES
MARIA LÚCIA W. DE OLIVEIRA
SILVIO RENATO JORGE

Agradecimento especial à equipe de Monitoria de Literatura Portuguesa 2007, que auxiliou na seleção dos fragmentos literários e críticos e acompanhou todo o processo de organização desta antologia.

Monitores
Gabriel Moraes Dias de Souza
Mariana Neto Silva Andrade
Sílvia da Silva Nogueira

interpretação literária, que pode ser aprofundado com os títulos da bibliografia sugerida ao final do volume.

APRESENTAÇÃO

Esta Antologia é o resultado da primeira fase, desenvolvida no ano de 2007, do Projeto de Monitoria da área de Literaturas Portuguesa e Africana do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da UFF – “Revitalizando o curso de Letras da UFF: um corpus para Literatura Portuguesa” –, com o objetivo de reunir um conjunto de textos literários a serem estudados na disciplina obrigatória de Literatura Portuguesa I. O corpus foi selecionado a partir de pesquisa dos conteúdos de estudos e programas utilizados nos cursos de Letras da região, considerando a nova configuração curricular implantada em 2006 no Instituto de Letras da UFF e as recomendações nacionais para a área fixadas na ementa do ENADE.

A intenção desta primeira recolha é a de que os professores da área e os alunos inscritos na disciplina disponham de um material didático de apoio que contemple, em relação à Literatura Portuguesa, as diferentes épocas, gêneros e autores, agrupados em torno de três eixos temáticos – Território, Deslocamentos e Escrita - e três obras consideradas canônicas pela equipe: Os Lusíadas, de Luís de Camões, Viagens na minha terra, de Almeida Garrett e A ilustre casa de Ramires, de Eça de Queirós. No interior de cada unidade temática, outros fragmentos de obras de diferentes autores estão dispostos em ordem cronológica para que sejam explorados sob a inspiração dos textos/autores canônicos recorrentes, segundo as preferências e opções metodológicas do professor. Os elementos integrantes do corpus literário são acompanhados de excertos de Textos Críticos e de Questões de Análise com o objetivo de motivar o trabalho de análise e

Como um trabalho de equipe em caráter experimental, a Antologia foi aplicada nas turmas de Literatura Portuguesa I durante o ano de 2008, ao final do qual foi feita a sua avaliação por professores e alunos, incorporando-se as alterações necessárias.

Em dezembro de 2008

Os autores

*Profa. Dra. Ida Ferreira Alves
Profa. Dra. Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira
Prof. Dr. Silvio Renato Jorge*

Antologia de literatura portuguesa

Linha temática: Território

LUÍS DE CAMÕES

Os Lusíadas

45

A matutina luz, serena e fria,
As estrelas do pólo já apartava
Quando na Cruz o Filho de Maria
Amostrando-se a Afonso, o animava;
Ele, adorando Quem lhe aparecia,
Na Fé todo inflamado, assi gritava:
- Aos infiéis, Senhor, aos infiéis,
E não a mi, que creio o que podeis!

46

Com tal milagre os ânimos da gente
Portuguesa inflamados, levantavam
Por seu rei natural este excelente
Príncipe, que do peito tanto amavam;
E diante do exército potente
Dos imigos, gritando, o Céu tocavam,
Dizendo em alta voz: - Real, real,
Por Afonso, alto Rei de Portugal!

47

Qual cos gritos e vozes incitado,
Pola montanha o rábido moloso,
Contra o touro remete, que fiado
Na força está do corno temeroso:
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo mais ligeiro que forçoso,

Até que em fim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta:

48

Tal do Rei novo o estômago acendido
Por Deus e pelo povo juntamente,
O bárbaro comete, apercebido
Co animoso exército rompente.
Levantam nisto os perros o alarido
Dos gritos; tocam a arma, ferve a gente,
As lanças e arcos tomam, tubas soam,
Instrumentos de guerra tudo atroam.

49

Bem como quando a flama que ateadada
Foi nos áridos campos (assoprando
O sibilante Bóreas), animada
Coo vento, o seco mato vai queimando;
A pastoral companha, que deitada
Co doce sono estava, despertando
Ao estridor do fogo que se atea,
Recolhe o fato e foge para a aldeia:

50

Desta arte o mouro atônito e torvado,
Toma sem tento as armas mui depressa;
Não foge, mas espera confiado,
E o ginete belígero arremessa.
O português o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa:
Uns caem meios mortos e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

51

Ali se vem encontros temerosos,
Pera se desfazer ua alta serra,

E os animais correndo furiosos
 Que Neptuno amostrou ferindo a terra.
 Golpes se dão medonhos e forçosos;
 Por toda a parte andava acesa a guerra.
 Mas o de Luso arnês, couraça e malha
 Rompe, corta, desfaz, abola e talha.

52
 Cabeças pelo campo vão saltando
 Braços, pernas, sem dono e sem sentido,
 E doutros as entranhas palpitando,
 Pálida a cor, o gesto amortecido.
 Já perde o campo o exército nefando,
 Correm rios do sangue desparzido,
 Com que também do campo a cor se perde,
 Tornado carmesi de branco e verde.

53
 Já fica vencedor o lusitano,
 Recolhendo os troféus e presa rica;
 Desbaratado e roto o mauro hispano,
 Três dias o grão rei no campo fica.
 Aqui pinta no branco escudo ufano,
 Que agora esta vitória certifica,
 Cinco escudos azuis esclarecidos,
 Em sinal destes cinco reis vencidos.

54
 E nestes cinco escudos pinta os trinta
 Dinheiros por que Deus fora vendido,
 Escrevendo a memória, em várias tintas,
 Daquele de Quem foi favorecido;
 Em cada um dos cinco, cinco pinta,
 Porque assi fica o número comprido,
 Contando duas vezes o do meio
 Dos cinco azuis que em cruz pintando veio.

CAMÕES, Luís. *Os Lusíadas* (Edição Brasileira Comemorativa do Quarto Centenário do Poema), Canto III, estrofes 45-54. Rio de Janeiro: MEC, 1972, p. 181-185.

Texto crítico

“O sentimento profundo da fragilidade nacional – e o seu reverso, a idéia de que essa fragilidade é um dom, uma dádiva da própria Providência, e o reino de Portugal uma espécie de milagre contínuo, expressão da vontade de Deus – é uma constante da mitologia, não só histórico-política, mas também cultural portuguesa. Muitas nações – em particular as surgidas na época da Europa medieval – representam as suas próprias 'cenas primordiais' sob o signo de Deus e consideram o seu destino nessa mesma óptica providencial. A sacralização das 'origens' faz parte da história dos povos como mitologia. Mas deve ser raro ter algum povo tomado tão à letra como Portugal essa inscrição, não apenas mítica, mas filial e já messiânica do seu destino, numa referência, ao mesmo tempo lendária e familiar num horizonte transcendente, à do próprio Cristo. (...) O singular no povo português é viver-se enquanto *povo* como existência miraculosa, objecto de uma particular predilecção divina.”

LOURENÇO, Eduardo. *Portugal como destino seguido de Mitologia da saudade*. Lisboa: Gradiva, 1999, p.12.

Questões de análise

1. De que modo as reflexões de Eduardo Lourenço sobre a concepção providencialista da história portuguesa estão representadas por Camões na cena que focaliza a fundação do Reino português no século XII?
2. A sacralização das origens se liga à missão evangelizadora do povo português, que realizou a Reconquista do território

ocupado pelos mouros desde o século VIII. Destaque e comente algumas referências ao inimigo no texto camoniano?

3. Na imagem a seguir, identifique e explique os elementos do primitivo escudo português descrito por Camões.

IMAGEM DO ESCUDO PORTUGUÊS



FERNÃO LOPES
Crónica de D. João

Para complementação de leitura, verificar os seguintes títulos na bibliografia ao final da antologia:

21, 37, 78. 80, 103 e 104.

Fragmento I

“Aproveitando-se o Mestre para partir, postas nos navios todas as vitualhas, feitas as manjedouras para os animais, andavam todos os da cidade, tanto grandes como pequenos, abalados com medrosos pensamentos. Muitas cousas lhes mostravam claros sinais de nova guerra, e ninguém podia imaginar com alguma certeza aonde tais feitos podiam ir parar. Os povos do Reino, e especialmente, a gente de Lisboa, viviam em grandes cuidados, vendo tais cousas muito duvidosas e dando lugar a esperar-se grande destruição da terra (...)

Além disto entendiam que vindo el-Rei de Castela ao Reino, e entrando sanhoso dentro da cidade, quer por não terem consentido que dentro dela fosse levantado pendão pela rainha sua mulher quer pela união que fizeram contra a sua sogra, por força haviam de receber danos nos corpos e haveres sem poderem defender-se. E se quisessem deixar cercar a cidade e defendê-la contra el-Rei de Castela, isso era cousa que não poderiam manter durante muito tempo, e finalmente seria a cidade tomada e o Reino todo sujeito a Castela, porque todos esperavam que o que passasse em Lisboa passaria em outros lugares (...)”

LOPES, Fernão. *Crônicas*. Trad. de António José Saraiva, 2 ed. Lisboa: Portugália Editora, 1969, p.216, 217, 218.

Textos críticos

“Para o fim do século XIV, as guerras com Castela e a presença de mercenários franceses e ingleses entre nós, com as suas violências e destruições, contribuem fortemente para dar uma súbita força à incipiente consciência nacional. A noção de ser português forma-se

a partir da consciência de ser diferente dos que, por essa razão, o consideram inimigo e o ameaçam colectivamente. A intensa propaganda ideológica expressa e propositadamente criada em torno do Mestre de Avis para legitimar o seu poder, apesar de bastardo, e para o apresentar como o rei eleito por Deus e pelo povo para o salvar da dominação castelhana, completam o quadro que eu queria apresentar para os anos conturbados que se seguem a 1383.

A partir daí, as grandes batalhas contra os inimigos são memorizadas como património colectivo de um povo.”

MATTOSO, José. *A escrita da História: teoria e métodos*. Lisboa: Editorial Estampa, 1988, p. 160.

Questões de análise

1. Na luta contra os castelhanos, desencadeada pela Revolução de 1385, Portugal consolidou a sua identidade nacional. Discuta a questão a partir do fragmento I Fernão Lopes, valendo-se da reflexão do historiador José Mattoso.

2. Nas estrofes abaixo d’*Os Lusíadas*, há referência à predestinação do Mestre que, como Defensor do Reino, lutou contra Castela. Considerando o tema do providencialismo, pesquise sobre a batalha de Aljubarrota e discuta a identidade nacional na visão de Fernão Lopes e Camões.

“Ser isto ordenação dos céus divina
 Por sinais muito claros se mostrou,
 Quando em Évora a voz de ua minina,
 Ante tempo falando, o nomeou.
 E, como cousa, em fim, que o céu destina,
 No berço o corpo e a voz alevantou:
 - Portugal, Portugal, alçando a mão,
 Disse, polo rei novo, D. João.

(...)

Aqui a fera batalha se encruece
 Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;
 A multidão da gente que perece
 Tema as flores da própria cor mudadas.
 Já as costas dão e as vidas; já falece
 O furor e sobejam as lançadas;
 Já de Castela o rei desbaratado
 Se vê e de seu propósito mudado.”

CAMÕES, ob. cit. Canto IV, estrofes 3e 42, p. 232 e 251.

ALMEIDA GARRETT

Frei Luís de Souza

Fragmento I

“MARIA

(entrando com umas flores na mão, encontra-se com Telmo, e o faz tornar para a cena)

Bonito! Eu há mais de meia hora no eirado passeando - e sentada a olhar para o rio e a ver as faluas e os bergantins, que andam para baixo e para cima – e já aborrecida de esperar... e o senhor Telmo aqui posto a conversar com a minha mãe, sem se importar de mim! Que é do romance que me prometeste? Não é o da batalha, não é o que diz:

Postos estão, frente a frente,

Os dois valorosos campos;

é o outro, é o da ilha encoberta, onde está el-rei D. Sebastião, que não morreu e que há-de-vir um dia de névoa muito cerrada... Que ele não morreu; não é assim, minha mãe?

MADALENA

Minha querida filha, tu dizes coisas! Pois não tens ouvido, a teu tio Frei Jorge e a teu tio Lopo de Sousa, contar tantas vezes como aquilo foi? O povo, coitado, imagina essas quimeras para se consolar na desgraça.

MARIA

Voz do povo, voz de Deus, minha senhora mãe: eles que andam tão crentes nisto, alguma coisa há-de ser.”

GARRETT, Almeida. *Frei Luís de Souza*. Porto: Edições Asa, 1977, p. 69 – 70. Ato I, Cena III.

Fragmento II

“MADALENA

(aterrada)

E quem vos mandou, homem?

ROMEIRO

Um homem foi, e um honrado homem... a quem unicamente devi a liberdade... a ninguém mais. Jurei fazer-lhe a vontade, e vim.

MADALENA

Como se chama?

ROMEIRO

O seu nome, nem o da sua gente nunca o disse a ninguém no cativo.

MADALENA

Mas, enfim, dizei vós...

ROMEIRO

As suas palavras, trago-as escritas no coração com as lágrimas de sangue que lhe vi chorar, que muitas vezes me caíram nestas mãos, que me correram por estas faces. Ninguém o consolava senão eu... e Deus! Vêde se me esqueceriam as suas palavras.

JORGE

Homem, acaba!

ROMEIRO

Agora acabo: sofri, que ele também sofreu muito. Aqui estão as suas palavras: ‘Ide a D. Madalena de Vilhena e dizei-lhe que um homem que muito bem lhe quis... aqui está vivo... por seu mal... e daqui não pôde sair nem mandar-lhe novas suas de há vinte anos que o trouxeram cativo.’
(...)

JORGE

Se o víreis..., ainda que fora noutros trajes... com menos anos – pintado, digamos – conhecê-lo-eis?

ROMEIRO

Como se me visse a mim mesmo num espelho.

JORGE

Procurai nesses retratos, e dizei-me se algum deles pode ser.

ROMEIRO

(sem procurar, e apontando logo para o retrato de D. João)

É aquele.

(...)

JORGE

Romeiro, romeiro! quem és tu?!

ROMEIRO

(apontando com o bordão para o retrato de D. João de Portugal)

Ninguém!

Idem, p. 145 – 149. Ato II, Cenas XIV e XV.

Textos críticos

“A riqueza do sebastianismo como fenômeno cultural pode ainda ser atestada pela variedade de expressões que conheceu dentro da cultura erudita como da popular. (...) Todas essas formulações, e provavelmente muitas outras que ainda não conhecemos, foram construídas a partir do desaparecimento de d. Sebastião e das expectativas criadas em torno de sua volta para retomar o destino de glória inscrito no milagre de Ourique.”

HERMANN, Jacqueline. *No reino do Desejado*; a construção do sebastianismo em Portugal, séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 306-307.

“O drama de Garrett é fundamentalmente a teatralização de *Portugal como povo que só já tem ser imaginário* (ou mesmo fantasmático) – realidade indecisa, incerta do seu perfil e lugar na História, objecto de *saudades* impotentes ou *pressentimentos trágicos*. Quem responde pela boca de D. João (de Portugal...), definindo-se como *ninguém*, não é um mero marido ressuscitado fora da estação, é a própria Pátria. O único gesto positivo, redentor, do seu *herói* (Manuel de Sousa Coutinho) é deitar fogo ao palácio e enterrar-se *fora* do mundo, da História. Interpretou-se (à superfície) o *Frei Luís de Sousa* em termos de puro melodrama *psicológico*, de pura contextura romântica – o que é, naturalmente – mas o autêntico *trágico* que nele existe é de natureza histórico-política, ou, se se prefere, simbólico-patriótica.”

LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 85-86.

Questões de análise

1. Com base nas ponderações de Jacqueline Hermann, analise o fragmento I.
2. A partir da interpretação de Eduardo Lourenço, comente o fragmento II.
3. Na abertura do *Frei Luís de Sousa*, a viúva de D. João, desaparecido em Alcácer-Quibir, faz a leitura dos versos “Naquele engano d’alma ledó e cego / Que a fortuna não deixa durar muito...”, relativos à história trágica de Inês de Castro narrada no Canto III da epopéia que Camões dedicou ao seu rei, d. Sebastião, conforme mostram os versos:

“E vós, ó bem nascida segurança
Da lusitana antiga liberdade,
E não menos certíssima esperança
De aumento da pequena cristandade.
Vós, ó novo temor da maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
(Dada ao mundo por Deus, que todo o mande
Pera do mundo a Deus dar parte grande);”

CAMÕES, ob. cit. Canto III, estrofes 120, p. 218.

Considerando a atmosfera de expectativa, temor e presságio na casa portuguesa de Manuel de Sousa Coutinho, discuta a problematização do sebastianismo presente no drama de Garrett.

ALMEIDA GARRETT

Viagens na minha terra

Fragmento I

“São 17 deste mês de Julho, ano de graça de 1843, uma segunda-feira, dia sem nota e de boa estrela. Seis horas da manhã a dar em S.Paulo, e eu a caminhar para o Terreiro do Paço. Chego muito a horas, envergonhei os mais madrugadores dos meus companheiros de viagem [...] Partimos. [...] Assim vamos de todo o nosso vagar contemplando este majestoso e pitoresco anfiteatro de Lisboa oriental, que é, vista de fora, a mais bela e grandiosa parte da cidade, a mais característica, e onde, aqui e ali, algumas raras feições se percebem, ou mais exactamente se adivinham, da nossa velha e boa Lisboa das crónicas . [...]”

GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. Porto: Anagrama, 1984, p.7 e 8.

Fragmento II

“Rodeámos o largo e fomos entrar em Marvila pelo lado do norte. Estamos dentro dos muros da antiga Santarém. Tão magnífica é a entrada, tão mesquinho é agora tudo cá dentro, a maior parte destas casas velhas sem serem antigas, destas ruas maiorescas sem nada de árabe, sem o menor vestígio de sua origem mais que a estreiteza e pouco asseio.” (Idem, p.122)

Fragmento III

“Santarém é um livro de pedra em que a mais interessante e a mais poética parte das nossas crónicas está escrita. Rico de iluminuras, de recortados, de florões, de imagens, de arabescos e arrendados primorosos, o livro era o mais belo e o mais precioso de Portugal. Encadernado em esmalte de verde e prata pelo Tejo e por suas

ribeiras, fechado a broches de bronze por suas fortes muralhas góticas, o magnífico livro devia durar sempre enquanto a mão do Criador se não estendesse para apagar as memórias da criatura.

Mas esta Nínive não foi destruída, esta Pompéia não foi submergida por nenhuma catástrofe grandiosa. O povo de cuja história ela é o livro, ainda existe; mas esse povo caiu em infância, deram-lhe o livro para brincar, rasgou-o, mutilou-o, arrancou-lhe folha a folha, e fez papagaios e bonecas, fez carapuças com elas.

Não se descreve por outro modo o que esta gente chamada governo, chamada administração, está fazendo e deixando fazer há mais de século em Santarém.

As ruínas do tempo são tristes, mas belas, as que as revoluções trazem, ficam marcadas com o cunho solene da história. Mas as brutas degradações e as mais brutas reparações da ignorância, os mesquinhos consertos da arte parasita, esses profanam, tiram todo o prestígio.” (Idem, p. 132)

Fragmento IV

“Desde que me entendo, que leio, que admiro os *Lusiadas*, enteneço-me, choro, ensoberbeço-me com a maior obra de engenho que ainda apareceu no mundo, desde a *Divina Comédia* até o *Fausto*...

O italiano tinha fé em Deus, o alemão no cepticismo, o português na sua pátria. É preciso crer em alguma coisa para ser grande – não só poeta – grande seja no que for. Uma Brízida velha que eu tive, quando era pequeno, era famosa cronista de histórias da carochinha, porque sinceramente cria em bruxas. Napoleão cria na sua estrela, Lafayette creu na república-rei de Luís Filipe; e, para que ousemos também *celebrare domestica facta*, todos os nossos grandes homens ainda hoje crêem, um na junta do crédito, outro nas classes inactivas, outro no mestre Adonirão, outro finalmente na beleza e realidade do sistema constitucional que felizmente nos rege.

Mas essas crenças são para os que se fizeram grandes com elas. A um pobre homem o que lhe fica para crer? Eu, apesar dos críticos, ainda creio no nosso Camões: sempre cri.

(Idem, p. 27-28)

Textos críticos

“Nenhum itinerário romântico é, entre nós, mais interessante a esse respeito, que o de Garrett. Ele é o primeiro de uma longa e ainda não acabada linhagem de ulisses intelectual em busca de uma pátria que todos temos sem poder ajustar nela o sonho plausível que nos pede e a realidade amarga que nos decepçiona. (...) é sob a pluma de Garrett que pela primeira vez, e a fundo, *Portugal se interroga*, ou melhor, que Portugal se converte *em permanente interpelação* para todos nós.”

LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 82-83.

“Considerada no contexto da narrativa portuguesa mais ou menos coetânea, a novelística de Garrett isola-se singularmente. (...) nas Viagens adoptava já um assunto nitidamente contemporâneo, traduzindo na forma como postulava os problemas a sua capacidade para argutamente julgar a sociedade nova que ele próprio ajudara a construir. Na desautorização que a sua ironia lançou sobre a degradação moral do país, em tantos aspectos demonstrada – desde o falso espiritualismo da literatura imitada e piegas até ao ardor argenteiro e ao abandono de monumentos e tradições –, sentimos erguer-se a voz crítica que alto clamará anos mais tarde com os homens da chamada ‘Geração de 70’.”

MONTEIRO, Ofélia Paiva. “Algumas reflexões sobre a novelística de Garrett”. In: *Colóquio / Letras*, Lisboa, n. 30, mar 1976, p. 29.

Questões de análise

1. Em suas viagens Tejo acima, Garrett busca um outro Portugal, encontrando ora deleite, ora degradação. Com base nos fragmentos I, II e III, discuta a primeira afirmação, de Eduardo Lourenço.
2. A crença de Garrett no poeta que cantou a aventura marítima estabelece uma identificação entre Camões e a pátria, sem impedir uma visão questionadora. Comente as reflexões críticas feitas, a partir do fragmento IV e levando em conta as palavras da Profa. Ofélia Paiva Monteiro.

CESÁRIO VERDE

Sentimento dum ocidental

A Guerra Junqueiro

I

Ave Maria

Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam um desejo absurdo de sofrer.

O céu parece baixo e de neblina,
O gás extravasado enjoea-nos, perturba;
E os edifícios, com as chaminés, e a turba,
Toldam-se duma cor monótona e londrina.

Batem os carros de aluguer, ao fundo,
Levando à via férrea os que se vão. Felizes!
Ocorrem-me em revista, exposições, países:
Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!

Semelham-se a gaiolas, com viveiros,
As edificações somente emadeiradas:
Como morcegos, ao cair das badaladas,
Saltam de viga em viga os mestres carpinteiros.

Voltam os calafates, aos magotes,
De jaquetão ao ombro, enfarruscados, secos;
Embrenho-me, a cismar, por boqueirões, por becos,
Ou erro pelos cais a que se atracam botes.

E evoco, então, as crónicas navais:
 Mouros, baixéis, heróis, tudo ressuscitado!
 Luta Camões no Sul, salvando um livro a nado!
 Singram soberbas naus que eu não verei jamais!

E o fim da tarde inspira-me; e incomoda!
 De um couraçado inglês vogam os escaleres;
 E em terra num tinir de louças e talheres
 Flamejam, ao jantar, alguns hotéis da moda.

Num trem de praça arengam dois dentistas,
 Um trôpego arlequim braceja numas andas;
 Os querubins do lar flutuam nas varandas;
 Às portas, em cabelo, enfadam-se os lojistas!

Vazam-se os arsenais e as oficinas,
 Reluz, viscoso, o rio; apressam-se as obreiras;
 E num cardume negro, hercúleas, galhofeiras,
 Correndo com firmeza, assomam as varinas.

Vêm sacudindo as ancas opulentas!
 Seus troncos varonis recordam-me pilastras;
 E algumas, à cabeça, embalam nas canastras
 Os filhos que depois naufragam nas tormentas.

Descalças! Nas descargas de carvão,
 Desde manhã à noite, a bordo das fragatas;
 E apinham-se num bairro aonde miam gatas,
 E o peixe podre gera os focos de infecção!

II

Noite fechada

Toca-se às grades, nas cadeias. Som
 Que mortifica e deixa umas loucuras mansas!
 O Aljube, em que hoje estão velhinhas e crianças,
 Bem raramente encerra uma mulher de <<dom>>!

E eu desconfio, até, de um aneurisma,
 Tão mórbido me sinto, ao acender das luzes;
 À vista das prisões, da velha Sé, das Cruzes,
 Chora-me o coração que se enche e que se abisma.

A espaços, iluminam-se os andares,
 E as tascas, os cafés, as tendas, os estancos
 Alastram em lençol os seus reflexos brancos;
 E a Lua lembra o circo e os jogos malabares.

Duas igrejas, num saudoso largo,
 Lançam a nódoa negra e fúnebre do clero:
 Nelas esfumo um ermo inquisidor severo,
 Assim que pela História eu me aventuro e alargo.

Na parte que abateu no terremoto,
 Muram-me as construções rectas, iguais, crescidas;
 Afrontam-me, no resto, as íngremes subidas,
 E os sinos dum tanger monástico e devoto.

Mas, num recinto público e vulgar,
 Com bancos de namoro e exíguas pimenteiras,
 Brônzeo, monumental, de proporções guerreiras,
 Um épico doutro ascende, num pilar!

E eu sonho o Cólera, imagino a Febre,

Nesta acumulação de corpos enfezados;
Sombrios e espectrais recolhem os soldados;
Inflama-se um palácio em face de um casebre.

Partem patrulhas de cavalaria
Dos arcos dos quartéis que foram já conventos:
Idade Média! A pé, outras, a passos lentos,
Derramam-se por toda a capital, que esfria.

Triste cidade! Eu temo que me avives
Uma paixão defunta! Aos lampiões distantes,
Enlutam-me, alvejando, as tuas elegantes,
Curvadas a sorrir às montras dos ourives.

E mais: as costureiras, as floristas
Descem dos *magasins*, causam-me sobressaltos;
Custa-lhes a elevar os seus pescoços altos
E muitas delas são comparsas ou coristas.

E eu, de luneta de uma lente só,
Eu acho sempre assunto a quadros revoltados:
Entro na *brasserie*; às mesas de emigrados,
Ao riso e à crua luz joga-se o dominó.

III Ao gás

E saio. A noite pesa, esmaga. Nos
Passeios de lajedo arrastam-se as impuras.
Ó moles hospitais! Sai das embocaduras
Um sopro que arripia os ombros quase nus.

Cercam-me as lojas, tépidas. Eu penso
Ver círios laterais, ver filas de capelas,
Com santos e fiéis, andores, ramos, velas,
Em uma catedral de um comprimento imenso.

As burguesinhas do Catolicismo
Resvalam pelo chão minado pelos canos;
E lembram-me, ao chorar doente dos pianos,
As freiras que os jejuns matavam de histerismo.

Num cutileiro, de avental, ao torno,
Um forjador maneja um malho, rubramente;
E de uma padaria exala-se, inda quente,
Um cheiro salutar e honesto a pão no forno.

E eu que medito um livro que exacerbe,
Quisera que o real e a análise mo dessem;
Casas de confecções e modas resplandecem;
Pelas vitrines olha um ratoneiro imberbe.

Longas descidas! Não poder pintar
Com versos magistras, salubres e sinceros,
A esguia difusão dos vossos reverberos,
E a vossa palidez romântica e lunar!

Que grande cobra, a lúbrica pessoa,
Que espartilhada escolhe uns xales com debuxo!
Sua excelência atrai, magnética, entre luxo,
Que ao longo dos balcões de mogno se amontoa.

E aquela velha, de bandós! Por vezes,
A sua *traîne* imita um leque antigo, aberto,
Nas barras verticais, a duas tintas. Perto,
Escarvam, à vitória, os seus mecklemburgueses.

Desdobram-se tecidos estrangeiros;

Plantas ornamentais secam nos mostradores;
 Flocos de pós-de-arroz pairam sufocadores,
 E em nuvens de cetins requebram-se os caixeiros.

Mas tudo cansa! Apagam-se nas frentes,
 Os candelabros, como estrelas, pouco a pouco;
 Da solidão regouga um cauteleiro rouco;
 Tornam-se mausoléus as armações fulgentes.

<<Dó da miséria!... Compaixão de mim!...>>
 E, nas esquinas, calvo, eterno, sem repouso,
 Pede-me esmola um homenzinho idoso,
 Meu velho professor nas aulas de Latim!

IV Flores mortas

O tecto fundo de oxigénio, de ar,
 Estende-se ao comprido, ao meio das trapeiras;
 Vêm lágrimas de luz dos astros com olheiras,
 Enleva-me a quimera azul de transmigrar.

Por baixo, que portões! Que arruamentos!
 Um parafuso cai nas lajes, às escuras:
 Colocam-se taipais, rangem as fechaduras,
 E os olhos dum caleche espantam-me, sangrentos.

E eu sigo, como as linhas de uma pauta,
 A dupla correnteza augusta das fachadas;
 Pois sobem, no silêncio, infaustas e trinadas,
 As notas pastoris de uma longínqua flauta.

Se eu não morresse, nunca! E eternamente
 Buscasse e conseguisse a perfeição das cousas!
 Esqueço-me a prever castíssimas esposas,

Que aninhem em mansões de vidro transparente!

Ó nossos filhos! Que de sonhos ágeis,
 Pousando, vos trarão a nitidez às vidas!
 Eu quero as vossas mães e irmãs estremecidas,
 Numas habitações translúcidas e frágeis.

Ah! Como a raça ruiva do porvir,
 E as frotas dos avós, e os nómadas ardentes,
 Nós vamos explorar todos os continentes
 E pelas vastidões aquáticas seguir!

Mas se vivemos, os emparedados,
 Sem árvores, no vale escuro das muralhas!...
 Julgo avistar, na treva, as folhas das navalhas
 E os gritos de socorro ouvir, estrangulados.

E nestes nebulosos corredores
 Nauseiam-me, surgindo, os ventres das tabernas;
 Na volta, com saudade, e aos bordos sobre as pernas,
 Cantam, de braço dado, uns tristes bebedores.

Eu não receio, todavia, os roubos;
 Afastam-se, a distância, os dúbios caminantes;
 E sujos, sem ladrar, ósseos, febris, errantes,
 Amareladamente, os cães parecem lobos.

E os guardas, que revistam as escadas,
 Caminham de lanterna e servem de chaveiros;
 Por cima, as imorais, nos seus roupões ligeiros,
 Tossem, fumando sobre a pedra das sacadas.

E, enorme, nesta massa irregular
 De prédios sepulcrais, com dimensões de montes,
 A Dor humana busca os amplos horizontes,
 E tem marés, de fel, como um sinistro mar!

VERDE, Cesário. *O livro de Cesário Verde e poesias dispersas*. 3. ed. Lisboa: Europa-América, 1992.

Heroísmos

Eu temo muito o mar, o mar enorme,
Solene, enraivecido, turbulento,
Erguido em vagalhões, rugindo ao vento;
O mar sublime, o mar que nunca dorme.

Eu temo o largo mar, rebelde, informe,
De vítimas famélico, sedento,
E creio ouvir em cada seu lamento
Os ruídos dum túmulo disforme.

Contudo, num barquinho transparente,
No seu dorso feroz vou blasonar,
Tufada a vela e n'água quase assente,

E ouvindo muito ao perto o seu bramar,
Eu rindo, sem cuidados, simplesmente,
Escarro, com desdém, no grande mar!

SERRÃO, Joel. *Cesário Verde, obra completa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1992. p.58.

Textos críticos

“A cidade é Lisboa; o 'sentimento' do título é o do narrador, natural do extremo ocidental da Europa, um português. Mas a cidade

também representa o todo da civilização ocidental a que Portugal pertence; e o sentimento que ela provoca é ao mesmo tempo um produto dessa civilização e um protesto contra ela.”

MACEDO, Helder. *Nós; uma leitura de Cesário Verde*. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1986, p. 169.

“A estátua de Camões no 'recinto público e vulgar' com 'exíguas pimenteiras' (embora não sejam estas as pimenteiras que levaram as naus à Índia, o seu nome claramente as relaciona com as Descobertas e o 'épico de outrora') serve assim para lembrar que houve um outro passado, associado ao povo e ao mar, bem diferente do passado sinistro da Inquisição e do terramoto, associado à cidade, ao clero e às prisões. Mas o passado épico cantado por Camões não é contínuo com o presente, é o seu oposto. O contraste é dramaticamente acentuado pela diferença entre as nobres 'proporções guerreiras' da estátua monumental e a massa acumulada de 'corpos enfezados' na realidade espectral da cidade.”

(Idem, p.180)

“Nas suas viagens em círculo pelas ruas de Lisboa, Cesário Verde acaba sempre por chegar à beira dum rio fechado: o Tejo. Corajosamente, no limite da cidade, é ele o primeiro poeta português a sujar a via da glória nacional: 'Escarro com desdém, no grande mar' (poema Heroísmos)”

SILVEIRA, Jorge Fernandes. “Cesário duas ou três coisas”. prefácio a *Cesário Verde – Todos os poemas*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.

Questões de análise

1. Que recursos poéticos são usados por Cesário Verde para expressar o mal estar do eu lírico em Lisboa, em fins do século XIX, como afirma Helder Macedo?

2. No poema de Cesário, escrito para comemorar o tricentenário da morte do épico, Camões é a figura tutelar na memória do poeta e da pátria. No entanto ele se reduz a uma estátua de praça na cidade. Discuta esta tensão no poema de Cesário Verde, levando em conta as reflexões de Helder Macedo.

3. Articule os poemas de Cesário Verde com a crítica de Jorge Fernandes da Silveira.

EÇA DE QUEIRÓS

A ilustre casa de Ramires

Fragmento I

“Gonçalo picou a égua, colhido logo por aquele desgraçado temor, aquele desmaiado arrepio da carne, que sempre, ante qualquer risco, qualquer ameaça, o forçava irresistivelmente a encolher, a recuar, a abalar. Embaixo, na ponte, desesperado contra a sua timidez, deteve o trote, espreitou para trás, para a branca casa florida. O mocetão parara, encostado à espingarda, sob a janela onde a rapariga morena se debruçava entre os dous vasos de cravos.” (cap. V)

Fragmento II

“Então, erguido nos estribos, por sobre a imensa mão, despediu uma vergastada do chicote silvante de cavalo-marinho, colhendo o latagão na face, de lado, num golpe tão vivo da aresta viva, que a orelha pendeu, despegada, num borbotar de sangue. Com um berro o homem recuou, cambaleando.” (cap X)

Fragmento III

“Então, de repente, Gonçalo sentiu um desejo de subir a esse imenso eirado da Torre. Não entrara na Torre desde estudante - e sempre ela lhe desagradara por dentro, tão escura, de tão duro granito, com a sua nudez, silêncio e frialdade de jazigo, e logo no pavimento térreo os negros alçapões chapeados de ferro que levavam às masmorras. Mas agora as luzes nas frestas aqueciam, reviviam aquela derradeira ossada. Honra de Ordonho Mendes. E de entre as suas ameias, mais alto que da varanda, lhe parecia interessante respirar aquela rumorosa simpatia esparsa, que em torno, pelas freguesias rolava, subindo para ele, através da noite,

como um incenso. Enfiou um paletó desceu à cozinha. O Bento, o Joaquim da Horta, divertidos, agarraram grandes lanternas. E com eles atravessou o pomar, penetrou pela atarracada poterna, de funda ombreira, começou a trepar a esguia escadaria de pedra, que tanta sola de ferro polira e puíra.

Já desde séculos se perdera a memória do lugar que ocupava aquela torre nas complicadas fortificações da Honra e Senhorio de Santa Irenéia. Não era decerto (segundo Padre Soeiro) a nobre torre albarrã, nem a de Alcáçova, onde se guardava o tesouro, o cartório, os sacos tão preciosos das especiarias do Oriente - e talvez, obscura e sem nome, apenas defendesse algum ângulo de muralha, para os lados em que o Castelo enfrentava com as terras semeadas e os olmedos da Ribeira. Mas, sobrevivente às outras mais altivas, compreendida nas construções do Paço formoso que se erguera dentre o sombrio Castelo Afonsino, e que dominava Santa Irenéia durante a dinastia de Avis, ligada ainda por claras arcarias dum terraço ao Palácio de gosto italiano, em que Vicente Ramires converteu o Paço manuelino depois da sua campanha de Castela; isolada no pomar, mas sobranceando o casarão que lentamente se edificara depois do incêndio do Palácio em tempo de El-Rei D. José, e a derradeira certamente onde retiniram armas e circularam os homens do Terço dos Ramires - ela ligava as idades e como que mantinha, nas suas pedras eternas, a unidade da longa linhagem. Por isso o povo lhe chamara vagamente a "Torre de D. Ramires". E Gonçalo, ainda sob a impressão dos avós e dos tempos que ressuscitara na sua Novela, admirou com um respeito novo a sua vastidão, a sua força, os seus empinados escalões, os seus muros tão espessos que as frestas esguias na espessura se alongavam como corredores, escassamente alumadas pelas tigelinhas de azeite, com que o Bento as despertara. Em cada um dos três sobrados parou, penetrando curiosamente, quase com uma intimidade, nas salas nuas e sonoras, de vasto lajedo, de tenebrosa abóbada, com os assentos de pedra, estranho buraco ao meio, redondo como o dum poço e ainda pelas paredes riscadas de sulcos de fumos, os anéis dos tocheiros. Depois em cima, no imenso eirado que a fieira de lamparinas, cingindo as ameias, enchia de claridade, Gonçalo,

erguendo a gola do paletot na aragem mais fina, teve a dilatada sensação de dominar toda a Província, e de possuir sobre ela uma supremacia paternal, só pela soberana altura e velhice da sua torre, mais que a Província e que o Reino. Lentamente caminhou em roda das ameias, até o miradouro, a que um candeeiro de petróleo, sobre uma cadeira de palhinha posta em frente à fresta, estragava o entono feudal. No céu macio, mas levemente enevoadado, raras estrelas luziam, sem brilho. Por baixo a quinta, toda a largueza dos campos, a espessura dos arvoredos se fundiam em escuridão. Mas na sombra e silêncio, por vezes além, para o lado dos Bravais, lampejavam foguetes remotos. Um clarão amarelado e fumarento, caminhando mais longe, entestando para a Finta, era decerto um rancho com archotes festivos. Na alta Igreja da Veleda tremeluzia uma iluminação vaga, rala. Outras luzes, incertas através do arvoredado, riscavam o velho arco do Mosteiro, em Santa Maria de Craquede. Da terra escura subia, por vezes, um errante som de tambores. E lumes, fachos, abafados rufos, eram dez freguesias celebrando amoravelmente o Fidalgo da Torre, que lhes recebia o amor e o preito no eirado da sua torre, envolto em silêncio e sombra. (Cap. XI)

Textos críticos

“De todas as interpretações da realidade nacional da Geração de 70 – e acaso do século e de sempre, à parte a não-patológica ainda de Garrett – a mais complexa, a mais obsessiva, ardente, fina, e ao fim e ao cabo a mais bem sucedida, por mais adequada transposição mítica, sentido da realidade e criação de imagens e arquétipos ainda de pé, é sem duvida a de Eça de Queirós. Apesar de todas as críticas que se lhe podem fazer, é um Portugal realmente *presente* que ele interroga e que o interpela. (...) E fá-lo, não para cumprir, como se sugeriu, um programa de experimentador literário, nem de sociólogo 'artista', mas para descobrir, com mais paixão do

que a sua ironia de superfície o deixa supor, a face autêntica de uma *pátria* que talvez ninguém tenha tão amado e detestado.”

LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 95.

“A grandeza da Torre está centrada no eixo do passado, daí as narrativas encaixadas *contarem/cantarem* o velho tempo. E o declínio do presente (...) não é apenas dela, enquanto indivíduo; é também, ou sobretudo, o declínio dos Ramires, o que, pelo significado histórico destes, em última instância, representa a decadência do próprio povo português. A Torre é a projeção plástica da queda da nação portuguesa, enquanto os palácios e os castelos o são do seu apogeu: (...)”

PADILHA, Laura Cavalcante. *O espaço do desejo*; uma leitura de A ilustre casa de Ramires de Eça de Queirós. Brasília: Ed. Universidade de Brasília. Rio de Janeiro: EDUFF – Ed. Universitária, 1989, p. 60.

Portugal finissecular. Em que medida a *Ilustre casa de Ramires* ameniza a virulência do Realismo praticado pelo autor no início de sua carreira?

Questões de análise

1. Segundo a crítica usual, os fracassos e os sucessos de Gonçalo representam um Portugal detestado e amado ao mesmo tempo pelo autor. Analise os fragmentos I e II com base nas observações de Eduardo Lourenço.
2. Na subida à Torre (Fragmento III), Gonçalo faz uma viagem no tempo tal como realizou pela memória ao escrever a novela sobre seus antepassados. Discuta a relação entre o contar e o cantar que dão outras dimensões ao “território” ocupado pelo herói do romance.
3. Ao contrário dos heróis d’*Os Lusíadas*, Gonçalo é comparado pelos seus amigos, “com o bem, com o mal”, ao

FERNANDO PESSOA*Mensagem***PRIMEIRO / O DOS CASTELOS**

A Europa jaz, posta nos cotovelos:
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabelos
Olhos gregos, lembrando.

O cotovelo esquerdo é recuado;
O direito é em ângulo disposto.
Aquele diz Itália onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,
A mão sustenta, em que se apoia o rosto.

Fita, com olhar esfíngico e fatal,
O Ocidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.

AS QUINAS /QUINTA
D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL

Louco, sim, louco, porque quis grandeza
Qual a Sorte a não dá.
Não coube em mim minha certeza:
Por isso onde o areal está
Ficou meu ser que houve, não o que há.

Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nela ia.
Sem a loucura que é o homem

Mais que a besta sadia,
Cadáver adiado que procria?

QUINTO / NEVOEIRO

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,
Define com perfil e ser
Este fulgor baço da terra
Que é Portugal a entristecer —
Brilho sem luz e sem arder,
Como o que o fogo-fátuo encerra.

Ninguém sabe que coisa quer.
Ninguém conhece que alma tem,
Nem o que é mal nem o que é bem.
(Que ânsia distante perto chora?)
Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...

É a Hora!

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Edição de António Apolinário Lourenço.
Coimbra/Braga: Ângelus Novus Editora, 2008.

Texto crítico

“O *nacionalismo* de Pessoa é de outra ordem e de outro alcance. (...) De Portugal enquanto realidade presente não espera Pessoa *nada*. Do Portugal como nauta de si mesmo, como história-profecia de que *Mensagem* interroga os anúncios e signos sucessivos, *tudo*. Sem Poder e sem Renome, como no seu texto se proclama, Portugal não pode ser outra coisa senão teatro de uma *epopeia da alma* de uma 'ulisseia' espiritual, invenção de um Ocidente futuro para o qual

Portugal-Esfinge parece olhar, de costas voltadas a uma Europa há muito entregue aos demónios da *vontade de poderio*.”

LOURENÇO, *O labirinto da saudade*. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 114-115

Questões de análise

1. N’*Os Lusíadas*, assim Vasco da Gama situa Portugal para o rei de Melinde:

“Eis aqui, quase cume da cabeça
Da Europa toda, o reino lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa
E onde Febo repousa no oceano.
(...)”

CAMÕES, ob. cit. Canto III, estrofe 20, p. 168.

Análise o diálogo intertextual entre Pessoa e Camões.

2. Em que consiste o nacionalismo pessoano na visão de Eduardo Lourenço e como se revela em *Mensagem*, em especial no seu poema final.

JOSÉ CARDOSO PIRES
O Delfim

Fragmento I

“Os uivos esfarrapavam a ladainha e, naturalmente, haviam de chegar à igreja, que era acanhada e de madeiros pintados, igreja pobre como se depreende. Aí abalariam os camponeses na sua fé ensonada, inquietavam-nos (e não se esqueça que, momentos depois, eu iria presenciar o desfile daquela gente à saída da missa – posso vê-la portanto lá dentro: os homens de pé, as mulheres de joelhos. Filhas-de-Maria, de rosário nos dedos; rapazes com transístores e blusões de plástico recebidos de longe, duma cidade mineira da Alemanha ou das fábricas de Winnipeg, Canadá; moças de perfil de luto – as *viúvas de vivos*, assim chamadas – sempre a rezarem pelos maridos distantes, pedindo à Providência que as chame para junto deles e uma vez mais, agradecendo os dólares, as cartas e os presentes enviados ...”

PIRES, José Cardoso. *O Delfim*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p. 7-8.

Fragmento II

“Lagoa, para a gente daqui, quer dizer coração, refúgio da abundância. Odre. Ilha. Ilha de água cercada por todos os lados e por espingardas de lei.

Mas ilha, odre, coroa de fumos ou constelação de aves, é a partir dela que uma comunidade de camponeses-operários (*) mede o universo; não a partir da fábrica onde trabalha, nem da horta que cultiva nas horas livres.”

(*) Designação imprópria, só aplicável ao camponês que, numa agricultura em vias de industrialização, adquiriu um perfil próximo do operário sem contudo se

ter identificado com ele. Não dispondo de terras, o homem da Gafeira exerce como recurso uma actividade não especializada nas fábricas dos arredores. A impossibilidade de garantir um futuro na indústria e a desadaptação gradual ao campo conferem-lhe um comportamento indeciso a que, à falta de melhor, se atribui a designação de 'camponês-operário'. – *Do caderno de apontamentos*. (Idem, p. 61)

Fragmento III

A aldeia foi-se aconchegando na névoa, é uma confusão de vultos a formigar em torno de uma gruta de luz – o café.

Por baixo desta vigia, deste meu posto sobre a Gafeira, por baixo da loja que a dona da Pensão transbordou em sala de jantar e, mais fundo ainda, trinta ou quarenta palmos mais fundo, tenho aquedutos subterrâneos (abade Agostinho dixit), opulência, pegadas de um tribuno ocupador que se assinava Octavius Theophilus, varão consular. Estou cercado por famílias e por casebres implantados num ossário da história. Os ciclistas e as viúva-de vivos passeiam-se sobre ele, sobre mil glórias sepultadas.

Pela janela meio corrida entra um cheiro a enguias a arder nas tabernas e nos lares que, quanto mais noite, mais se adensa. É o festim, digo. O festim sobre ruínas. Os destroços das idades mortas despertam a fumar e, neste ponto, justiça seja feita ao profético Dom Abade, que, já em 1801, *Monografia*, cap. VI, fls. 87 vs., tinha prevenido o mundo contra a herança pagã que pesa sobre a Gafeira:

'Encontradas que foram duas cisternas nas casas do forno da família Ribeiro e, bem assim, os lavabos e a dita conduta no quintal de Silvério Portela, a qual orçava por trinta varas de comprido e media, na maior altura, obra de homem e meio, mais se nos confirma estar a Povoação assente em uma teia de canais e de represas que serviram aos ímpios da tropa romana e às orgias dos adoradores de Baco e cujos desmandos se acolhiam...'

(Idem, pp.127 - 128)

Textos críticos

“Finalmente n’*O Delfim*, Engenheiro e Escritor são personagens principais. O espaço das secundárias parece estar vago, enquanto figurantes de primeiros plano são Domingos, o cauteleiro, o Padre Novo, a dona da pensão e Mercês. Como figurantes de terceiro plano considerem-se os camponeses-operários e o Regedor. Com estes últimos ocorre movimento análogo ao que se passa com Floripes, em *O hóspede de Job*: construída a significação d’*O Delfim*, camponeses-operários ascendem a personagens principais, pois com eles, por eles e neles se faz o texto e ainda porque, embora não pareça, contracenam todo o tempo com Escritor e Engenheiro.”

LEPECKI, Maria Lúcia. *Ideologia e imaginário; ensaio sobre José Cardoso Pires*. Lisboa: Moraes Editores, 1977. p. 28 – 29)

“Assim, de salutare, as águas transformam-se em mortais para Maria das Mercês; fonte de rendimentos – fonte de prosperidade económica – fazem-se o lugar da morte sociológica do Engenheiro explorador; de lugar da escravidão mudam-se, para os explorados, em espaço da liberdade.”

(Idem, p. 86)

“A primeira proposta de um anti-D.Sebastião aparece no festim das enguias. Pelo menos um elemento (a chamar-se formal) remete a cena para mito e corpo legendário sebastiânicos: o *nevoeiro*, nuvem de fumo que envolve a Gafeira e, muito particularmente, o *ágape* de confraternização após o acto revolucionário conseguido. Além da proposta de subversão mítica, o nevoeiro é com a maior clareza, o corpo material que clandestiniza, para *não-gente* da aldeia (os ‘Delfins do meio-dia’), sinal de amor e de solidariedade entre os explorados. O nevoeiro preserva assim a *feira*, comemoração da substancial mudança, fundação do tempo novo. A partir da sequência em

causa, ilumina-se retrospectivamente o significado de nuvem, ‘coroa de fumos’ da lagoa: e vê-se que a subversão do mito pontuou a narrativa inteira.” (Idem, p. 139)

Questões de análise

1. O território da Gafeira, como a representação alegórica de Portugal, é uma paisagem humana heterogênea: no presente é ocupada pela população diversificada que habita a aldeia; no passado, revela a herança pagã pelo testemunho arqueológico de outras culturas. Baseado no fragmento I e no Texto crítico, reflita sobre as personagens do romance, discutindo seu papel na composição de uma identidade portuguesa para além das classes sociais e das etnias hegemônicas.
2. A lagoa é um símbolo de múltiplas significações no romance. Comente esta polissemia, considerando o fragmento II e a interpretação de Lepecki.
3. Discuta a proposta de um anti-sebastianismo no romance, levando em conta a reflexão de Maria Lúcia Lepecki sobre o fragmento III.

JOSÉ SARAMAGO

O ano da morte de Ricardo Reis

Fragmento I

“É como todas as coisas, as más e as boas, sempre precisam de gente que as faça, olhe o caso dos Lusíadas, já pensou que não teríamos Lusíadas, se não tivéssemos tido Camões, é capaz de imaginar que Portugal seria o nosso sem Camões e sem Lusíadas, Parece um jogo, uma adivinha, Nada seria mais sério, se realmente pensássemos nisso, mas falemos antes de si”

SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. 6ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1985, p. 183.

Fragmento II

“É que, segundo a declaração de um arcebispo, o de Mitilene, Portugal é Cristo e Cristo é Portugal, Está aí escrito, Com todas as letras, Que Portugal é Cristo e Cristo é Portugal, Exactly. Fernando Pessoa pensou alguns instantes, depois largou a rir, um riso seco, tossicado, nada bom de ouvir, Ai esta terra, ai esta gente, e não pôde continuar, havia agora lágrimas verdadeiras nos seus olhos, Ai esta terra, repetiu, e não parava de rir, Eu a julgar que tinha ido longe no atrevimento quando na Mensagem chamei Santo a Portugal, lá está, São Portugal, e vem um príncipe da Igreja, com a sua arquiépiscopal autoridade, e proclama que Portugal é Cristo, E Cristo é Portugal, não esqueça, Sendo assim, precisamos de saber, urgentemente, que virgem nos pariu, que diabo nos tentou, que judas nos traiu, que pregos nos crucificaram, que túmulo nos esconde, que ressurreição nos espera, Esqueceu-se dos milagres, Quer você milagre maior do que este simples facto de existirmos, de continuarmos a existir, não falo por mim, claro, Pelo andar que levamos, não sei até quando e onde existiremos, Em todo o caso, você tem que reconhecer que estamos muito à frente da Alemanha, aqui é a própria palavra da Igreja a estabelecer, mais do que parentescos, identificações, nem sequer precisávamos de receber o

Salazar de presente, somos nós o próprio Cristo, Você não devia ter morrido tão novo, meu caro Fernando, foi uma pena, agora é que Portugal vai cumprir-se (...)

A beber café dessa maneira, você não vai dormir, avisou Fernando Pessoa, Deixe, uma noite de insônia nunca fez ninguém, e às vezes ajuda, Leia-me mais notícias, Lerei, mas antes diga-me se não acha inquietadora esta novidade portuguesa e alemã de utilizar Deus como avalista político, Será inquietadora, mas novidade não é, desde que os hebreus promoveram Deus ao generalato, chamando-lhe senhor dos exércitos, o mais tem sido meras variantes do tema, É verdade, os árabes invadiram a Europa aos gritos de Deus o quer, Os ingleses puseram Deus a guardar o rei, Os franceses juram que Deus é francês, Mas o nosso Gil Vicente afirmou que Deus é português, Ele é que deve ter razão, se Cristo é Portugal”.

(Idem, p. 281-282)

Fragmento III

“Aqui o mar acaba e a terra principia.

(....)

Aqui, onde o mar se acabou e a terra espera”.

(Idem, p. 11 e p. 415)

Texto crítico

“A aliança do facto com a ficção corresponde ao que Saramago chama por vezes, quando reflecte oralmente sobre a concepção dos seus romances, uma 'ideia' – que os organiza e que os conduz. Esta 'ideia', cujo alcance simbólico e ideológico pode ser apreciado em estudos críticos, equivale à forma-romance que é fielmente a sua desde há dez anos. A forma-romance de Saramago, constituída por um tipo de discurso muito particular, e agenciando correntes de sentido específicas, insiste, através de uma proposta concreta de

relação entre a escrita e o social, num modelo muito particular de leitura da História (...). Com efeito, Saramago também diz, quando fala dos seus romances, que tudo é História, e que toda a narrativa dá conta do passado, o que pode fazer equivaler enunciação e referência (como assinalámos atrás) e considerar o texto em processo de escrita como uma espécie de paradigma temporal passado/presente (quer dizer: um sistema de escolhas que faz do presente uma grelha de escolhas de leitura de um passado susceptível de criar, por sua vez, através de alterações fictivas, e sobretudo através da escrita que seleciona essas escolhas de leitura, o próprio presente – onde a dimensão estética produz o efeito de correção ética – , ou ainda como um efeito de interpretação do mundo, cuja abordagem de descodificação possível **faz** (factualiza) esse mesmo mundo, ou ainda, acrescentemos, reorganizando os conceitos, como um mundo possível cujo efeito de real consiste em articular uma leitura face ao 'outro' (leitura ou leitor) e assim justamente instituir o tempo do vivido, e portanto a ilusão, já não da referência, mas da ficção. Pelo que de certo modo as relações entre facto e ficção se encontrariam, pelo menos, parcialmente invertidas.”

SEIXO, Maria Alzira. *Lugares da ficção em José Saramago*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1999, pp. 86-87.

Questões de análise

1. Nos diálogos de Ricardo Reis, encenados no fragmento I com Marcenda e no fragmento II com Fernando Pessoa, há referências, respectivamente, às conexões entre Portugal-Camões e Portugal-Cristo. Há ironia crítica nestas articulações que sustentam uma determinada concepção de identidade nacional patrocinada pelas classes dominantes? Justifique.

2. Com base em Maria Alzira Seixo, discuta a articulação ficção/realidade ou literatura/história promovida por Saramago em seus romances, como se observa no fragmento II de *O ano da morte de Ricardo Reis* em que o heterônimo se transforma em personagem ficcional de Saramago a conversar com o seu criador real, Fernando Pessoa, sobre o contexto histórico português no ano de 1936.

3. Numa relação explicitamente intertextual com o verso camoniano “Onde a terra se acaba e o mar começa” (CAMÕES, ob. cit. Canto III, estrofe 20, p. 168.), o romance de Saramago se inicia e se conclui com os enunciados do fragmento III. Que sentidos têm as alterações sob o ponto de vista da problematização da identidade portuguesa no presente?

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Obra poética

Marinheiro sem mar

Longe o marinheiro tem
Uma serena praia de mãos puras
Mas perdido caminha nas obscuras
Ruas da cidade sem piedade.

Todas as cidades são navios
Carregados de cães uivando à lua
Carregados de anões e mortos frios

E ele vai baloiçando como um mastro
Aos seus ombros apoiam-se as esquinas
Vai sem aves nem ondas repentinas
Somente sombras nadam no seu rastro.

Nas confusas redes do seu pensamento
Prendem-se obscuras medusas
Morta cai a noite com o vento

E sobe por escadas escondidas
E vira por ruas sem nome
Pela própria escuridão conduzido
Com pupilas transparentes e de vidro

Vai nos contínuos corredores
Onde os polvos da sombra o estrangulam
E as luzes como peixes voadores
O alucinam.

Porque ele tem um navio mas sem mastros

Porque o mar secou
 Porque o destino apagou
 O seu nome dos astros
 Porque o seu caminho foi perdido
 O seu triunfo vendido
 E ele tem as mãos pesadas de desastres

E é em vão que ele se ergue entre os sinais
 Buscando a luz da madrugada pura
 Chamando pelo vento que há no cais

Nenhum mar lavará o nojo do seu rosto
 As imagens são eternas e precisas
 Em vão chamará pelo vento
 Que a direito corre pelas praias lisas

Ele morrerá sem mar e sem navios
 Sem rumo distante e sem mastros esguios
 Morrerá entre paredes cinzentas
 Pedacos de braços e restos de cabeças
 Boiarão na penumbra das madrugadas lentas.

E ao Norte e ao Sul
 E ao Leste e ao Poente
 Os quatro cavalos do vento
 Sacodem as suas crinas

E o espírito do mar pergunta:

“Que é feito daquele
 Para quem eu guardava um reino puro
 De espaço e de vazio
 De ondas brancas e fundas
 E de verde frio?”

Ele não dormirá na areia lisa
 Entre medusas, conchas e corais

Ele dormirá na podridão
 E ao Norte e ao Sul
 E ao Leste e ao Poente
 Os quatro cavaleiros do vento
 Exactos e transparentes
 O esquecerão

Porque ele se perdeu do que era eterno
 E separou o seu corpo da unidade
 E se entregou ao tempo dividido
 Das ruas sem piedade.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Obra poética*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, v. II, 1995, p. 50-52.

Exílio

Quando a pátria que temos não a temos
 Perdida por silêncio e por renúncia
 Até a voz do mar se torna exílio
 E a luz que nos rodeia é como grades.
 (Idem [*Livro Sexto*, 1962], p. 144.)

Deriva XV

Inversa navegação
 Tédio já sem Tejo
 Cinzento hostil dos quartos
 Ruas desoladas
 Verso a verso
 Lisboa anti-pátria da vida
 (Ob.cit. [*Navegação*, 1978], v.III, 1996, p. 275.)

Texto crítico

“Mas uma vez terminada a aventura, desfeito o império da história, transformado numa mera carga de sonho o precioso comércio do Oriente, restava-nos como herança um Portugal pequeno e um imenso cais, onde durante séculos relembramos a nossa aventura, numa mistura inextricável de autoglorificação e de profundo sentimento de decadência e de saudade. Não é por acaso que Pessoa lembra na ‘Ode marítima’ - epopéia melancólica do nosso tempo de império perdido – que ‘(...) todo o cais é uma saudade de pedra!’.”

LOURENÇO, Eduardo. *A nau de Ícaro e Imagem e miragem da lusofonia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 58.

Questões de análise

1. Leia atentamente o poema “Marinheiro sem mar” e comente a alegorização de Portugal na figura do marinheiro, sem esquecer a possibilidade do diálogo de Sophia de Mello Breyner Andresen com Camões e Fernando Pessoa.
2. Lisboa é metonímia de Portugal em Garrett e em Cesário Verde. Como se apresenta no poema *Deriva XV*? Justifique.

Linha temática: Deslocamentos

LUÍS DE CAMÕES
Os Lusíadas

Episódio do Velho do Restelo (Canto IV)

94

Mas um velho de aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C’um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito:

95

- Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos fama!
Ó fraudulento gosto que se atíça
Cua aura popular que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas!

96

“Dura inquietação d’alma e da vida,
Fonte de desamparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana!

97

“A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reinos e de minas
De ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás? que histórias?
Que triunfos? que palmas? que vitórias?

[CAMÕES, Luís. *Os Lusíadas*, Canto IV, estrofes 94-97]

Quebra-me aquelas tigelas
e três ou quatro panelas,
que não ache em que comer.
Que chegada e que prazer!
Fecha-me aquelas janelas,

deita essa carne [a] esses gatos,
desfaze toda essa cama.

MOÇA De mercês está minha ama;
desfeitos estão os tratos.

AMA Por que não matas o fogo?

MOÇA (à parte) Raivar, que este é outro jogo.

AMA Perra, cadela, tinhosa,
que rosmeias, aleivosa?

MOÇA Digo que o matarei logo.

AMA Não sei pera que é viver.

MARIDO: Houlá!

AMA: Ali, maora, este é.
Quem é?

MARIDO: Homem de pé.

AMA: Gracioso se quer fazer.
Sobi, sobi pera cima.

MOÇA: É noss'amo: como rima!

AMA: Teu amo! Jesu! Jesu!
Alvíssaras pedirás tu.

MARIDO: Abraçai-me, minha prima.

AMA: Jesu! quão negro e tostado!
Não vos quero, não vos quero.

MARIDO: E eu a vós a si, porque espero
serdes mulher de recado.

AMA: Moça, tu que estás olhando?
vai muito asinha saltando,
faze fogo, vai por vinho
e a metade d'um cabritinho,
enquanto estamos falando.

Ora como vos foi lá?

MARIDO: Muita fortuna passei.

AMA: E eu, oh, quanto chorei,
quando a armada foi de cá!
E quando vi desferir
que começastes de partir,
Jesu! eu fiquei finada;
três dias não comi nada,
a alma se me queria sair.

MARIDO: E nós, cem léguas daqui,
saltou tanto sudueste,
sudueste e oés-sudueste,
que nunca tal tromenta vi.

AMA: Foi isso à quarta-feira,
aquela logo primeira?
MARIDO: Si; e começou n'alvorada.
AMA: E eu fui-me de madrugada
a nossa Senhora d'Oliveira.

E com a memória da cruz
fiz-lhe dizer ùa missa,
e prometi-vos em camisa
a Santa Maria da Luz.
E logo à quinta-feira
fui ao Spírito Santo
com outra missa também.
Chorei tanto, que ninguém
nunca cuidou ver tal pranto.

Correstes aquela tormenta?
Andar.

MARIDO: Durou-nos três dias.
AMA: As minhas três romarias
com outras, mais de quarenta.
MARIDO: Fomos na volta do mar
Quase quase a quartelar:
a nossa Garça voava,
que o mar se espedaçava.

Fomos ao rio de Meca,
pelejámos e roubamos,
e muito risco passámos:
à vela, árvore seca.

AMA: E eu cá esmorecer,
fazendo mil devações,
mil choros, mil orações.

MARIDO: Assi havia de ser...

AMA: Juro-vos que de saudade
tanto de pão não comia...
A triste de mi, cada dia,
doente, era ùa piedade.
Já carne, nunca a comi,
esta camisa que trago
em vossa dita a vesti
porque vinha bom mandado.

Onde não há marido
cuidai que tudo é tristura,
não há prazer nem folgura;
sabei que é viver perdido.
Alebrava-vos eu lá?

MARIDO: E como!...

AMA: Agora, aramá:
lá há índias mui fermosas;

lá faríeis vós das vossas,
e a triste de mi cá,
encerrada nesta casa,
sem consentir que vezinha
entrasse por ùa brasa,
por honestidade minha.

MARIDO: Lá vos digo que há fadigas,
tantas mortes, tantas brigas,
e perigos descompassados,
que assi vimos destroçados
pelados coma formigas.

AMA: Porém vindes vós muito rico?

MARIDO: Se não fora o capitão,
eu trouxera, a meu quinhão,
um milhão vos certifico.
Calai-vos que vós vereis
quão louçã haveis de sair.

AMA: Agora me quero eu rir
disso que me vós dizeis.
Pois que vós vivo viestes,
que quero eu de mais riqueza?
Louvado seja a grandeza
de vós, Senhor, que mo trouxestes.

A nau vem bem carregada?

MARIDO: Vem tão doce embandeirada!

AMA: Vamo-la, rogo-vo-lo, ver.

MARIDO: Far-vos-ei nisso prazer?

AMA: Si, que estou muito enfadada.

Vão-se a ver a nau, e fenece esta primeira farsa.

VICENTE, Gil. *Antologia do teatro de Gil Vicente*; introdução e estudo crítico Cleonice Berardinelli. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1984, p.246-250.

Texto teórico

“Como espectadores, assumimos também a posição de crítica que o cômico instaura. Estamos também de fora, da margem, a observar e comentar as contradições do mundo. Os sentimentos, sonhos e atos da personagem cômica serão dela e dos seres humanos que precisam ser modificados, e não nossos (ou, então, nossos e os rejeitamos). De fora, rimos e com o nosso riso procuramos pôr abaixo o que a personagem cômica representa.

(...)

O papel do espectador é de grande importância, pois será a partir dele – público – que o teatro ultrapassará os limites do palco. (...) Temos, pois, o cômico quando, pelo distanciamento, dominamos a personagem. Há entre ela e nós – espectadores – uma ruptura que possibilita a revisão crítica (do grego *ó crithés* = o juiz).”

ALVES, Maria Theresa Abelha. *Gil Vicente sob o signo da derrisão*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2002, p. 14-5.

Questões de análise

1 – O jogo entre ser e parecer presente no teatro vicentino espelha a hipocrisia das relações sociais, apresentando o homem, no dizer de Maria Theresa Abelha Alves, como aquele que *representa*. O cômico instaura-se pelo desvelamento da dissimulação, já que o lugar ocupado pela platéia é o de quem, conhecendo o verdadeiro ser da personagem, é capaz de perceber o seu logro. Como podemos ler as relações estabelecidas entre a Ama, o Marido e a Moça a partir de tais considerações.

2 – O texto do *Auto da Índia*, antecipando-se ao senso crítico camoniano e a muito do que se escreveu acerca da presença portuguesa no oriente, estabelece parâmetros para uma reflexão crítica acerca do expansionismo português. Desenvolva a afirmação.

ALMEIDA GARRETT <i>Viagens na minha terra</i>

Fragmento I

“Estas minhas interessantes viagens hão-de ser uma obra-prima, erudita, brilhante de pensamentos novos, uma coisa digna do século. Preciso de o dizer ao leitor, para que ele esteja prevenido; não cuide que são quaisquer dessas rabiscaduras da moda que, com o título de *Impressões de Viagem*, ou outro que tal, fatigam as impensas da Europa sem nenhum proveito da ciência e do adiantamento da espécie.

(...)

“Ora nesta minha viagem Tejo-arriba está simbolizada a marcha do nosso progresso social: espero que o leitor entendesse agora. Tomarei cuidado de lho lembrar de vez em quando, porque receio muito que se esqueça.” (cap.II)

GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. Porto: Lello & Irmão, 1963. pp.16-17

Fragmento II

“Como hei-de eu então, eu que nesta grave Odisseia das minhas viagens tenho de inserir o mais interessante e misterioso episódio de amor que ainda foi contado ou cantado, como hei-de eu fazê-lo, eu que já não tenho que amar neste mundo senão uma saudade e uma esperança – um filho no berço e uma mulher na cova?... (idem, p. 53)

Fragmento III

“[...] Abri os Lusíadas à ventura, deparei-me com o canto IV e pus-me a ler aquelas belíssimas estâncias

É já no porto da ínclita Ulisseia...

Pouco a pouco amotinou-se-me o sangue, senti baterem-me as artérias da fronte... as letras fugiam-me do livro, levantei os olhos, dei com eles na pobre nau Vasco da Gama que aí está em monumento-caricatura da nossa glória naval... E eu não vi nada disso, vi o Tejo, vi a bandeira portuguesa flutuando com a brisa da manhã, a torre de Belém ao longe... e sonhei, sonhei que era português, que Portugal era outra vez Portugal.

Tal força deu o prestígio da cena às imagens que aqueles versos evocavam!

Senão quando, a nau que salva a uns escalares que chegam... Era o ministro da marinha, que ia a bordo.

Fechei o livro, acendi o charuto, e fui tratar das minhas camélias.

Andei três dias com ódio à letra redonda.

Mas de tudo isto o que se tira, a que vem tudo isto para as minhas viagens ou para o episódio do vale de Santarém em que há tantos capítulos nos temos demorado?

Vem e vem muito: vem para mostrar que a história, lida ou contada nos próprios sítios em que se passou, tem outra graça e outra força; vem para te eu dar o motivo por que nestas minhas viagens, leitor amigo, me fiquei parado naquele vale a ouvir do meu companheiro de jornada, e a escrever para teu aproveitamento, a interessante história da menina dos rouxinóis, da menina dos olhos verdes, da nossa boa Joaninha.” (Idem, p.118-119)

Texto crítico

“A questão está colocada: se a falência da imagem secular do país como cais de partida parece ser articulada quando o império se desfaz nos anos 70, a consciência da necessidade desse olhar para dentro de casa é um projeto que Garrett já anuncia com perspicácia nas suas *Viagens na minha terra*. Com ela inaugura ele uma proposta de releitura de Portugal no avesso das viagens portuguesas, ou, se quisermos, com sinal oposto ao da apologética do mar como símbolo da glória nacional. Garrett faz, sim, um livro de ‘viagens’, para situá-lo no contexto lusíada de um país de marinheiros. Mas essas são, agora, viagens na (sua) terra portuguesa, aquela que fica aquém-mar, desconhecida e abandonada pelos olhos de uma ‘política de transporte’ que aniquilou a fixação positiva do homem à terra. Para assinalar esse sinal contrário a um movimento secular, parte de Lisboa e do Terreiro do Paço onde desembarcavam outrora riquezas do Império e parte também de barco, porque marinheiras eram todas as viagens da tradição lusíada.”

CERDEIRA, Teresa Cristina. De viagens e viajantes: Camões, Garrett, Saramago. In: ---. *O avesso do bordado*: ensaios de literatura. Lisboa: Caminho, 2000, p. 306

Questão de análise

Ao encetar suas *Viagens na minha terra*, Almeida Garrett insere-se em uma linha significativa da Literatura Portuguesa, que corresponde à que poderíamos chamar, junto com Cleonice Berardinelli, de nacionalismo crítico. Nesse sentido, e considerando o texto de Teresa Cristina Cerdeira, estabeleça uma análise das *Viagens* que considere o seu diálogo com a épica camoniana, apresentando semelhanças e diferenças.

ANTÓNIO NOBRE
Só

Lusitânia no Bairro Latino

[...]

3

Georges! anda ver meu país de romarias
 E procissões!
 Olha estas moças, olha estas Marias!
 Caramba! dá-lhes beliscões!
 Os corpos delas, vê! são ourivesarias,
 Gula e luxúria dos Manéis!
 Têm nas orelhas grossas arrecadas,
 Nas mãos (com luvas) *trinta moedas*, em anéis,
 Ao pescoço serpentes de cordões,
 E sobre os seios entre cruces, como espadas,
 Além dos seus, mais trinta *corações*!
 Vá! Georges, faz-te Manel! viola ao peito,
 Toca a bailar!
 Dá-lhes beijos, aperta-as contra o peito,
 Que hão-de gostar!
 Tira o chapéu, silêncio!

Passa a procissão.

Estralejam foguetes e morteiros.
 Lá vem o Pálio e pegam ao cordão
 Honestos e morenos cavalheiros.
 Altos, tão altos e enfeitados, os andores,
 Parecem *Torres de David*, na amplidão!
 Que linda e asseada vem a Senhora das Dores!

Olha o Mordomo, à frente, o Sr. Conde.
 Contempla! Que tristes os Nossos Senhores,
 Olhos leais fíto no vago... não sei onde!
 Os anjinhos!
 Vêm a suar:
 Infantes de três anos, coitadinhos!
 Mãos invisíveis levam-nos de rastros
 Que eles mal sabem andar.

Esta que passa é a *Noite* cheia de astros!
 (Assim estava, em *certo dia*, na Judeia!
 Aquele é o *Sol*! (Que bom o Sol de olhos pintados!)
 E aquela outra é a *Lua-Cheia*!
 Seus doces olhos fazem luar...
 Essa, acolá, leva na mão os *Dados*,
 Mas perde tudo se vai jogar.
 E esta que passa, toda de arminhos,
 (Vê! d'entre o povo em êxtase, olha-a a Mãe)
 Leva, sorrindo, a *Coroa dos Espinhos*,
 Criança em flor que ainda não os tem.
 E que bonita vai a *Esponja de Fel*!
 Mas ela sabe, a inocentinha,
 Nas suas mãos, a *Esponja* deita mel:
 Abelhas de oiro tomam-lhe a dianteira!
 Lá vem a *Lança*! A bainha
 Traz ainda o sangue da *Sexta-Feira*...
 Passa o último, o *Sudário*!
 O Corpo de Jesus, Nosso Senhor...
 Oh que vermelho extraordinário!
 Parece o Sol-pôr...
 Que pena faz vê-lo passar em Portugal!
 Ai que feridas! e não cheiram mal...

E a procissão passa. Preamar de povo!
 Maré-cheia do Oceano Atlântico!
 O bom povinho de fato novo,

Nas violas de arame soluça, romântico,
Fadinhos chorosos da su'alma beata.

Trazem imagens da Função nos seus chapéus.
Poeira opaca. Abafa-se. E, no céu ferro-e-oiro,
O Sol em glória brilha olímpico, e de prata,
Como a velha cabeça aureolada de Deus!

Trombetas clamam. Vai correr-se o toiro.
Passam as chocas, boas mães! passam capinhas.

Pregões. *Laranjas! Ricas cavaquinhas!*

Pão-de-ló de Margaride!

Aguinha fresca da Moirama!

Vinho verde a escorrer da vide!

À porta dum casal, um tísico na cama,
Olha tudo isto com seus olhos de Outro-Mundo,
E uma netinha com um ramo de loireiro
Enxota as moscas, do moribundo.

Dança de roda mai-las moças o coveiro.
Clama um ceguinho:
"Não há maior desgraça nesta vida,
que ser ceguinho!"
Outro moreno, mostra uma perna partida!
Mas fede tanto, coitadinho...
Este, sem braços, diz "que os deixou na pedreira..."
E esse, acolá, todo o corpinho numa chaga,
Labareda de cancrios em fogueira,
Que o Sol atíça e que a gangrena apaga,
Ó Georges, vê! que excepcional cravina...

Que lindos cravos para pôr na botoeira!

Tísicos! Doidos! Nus! Velhos a ler a sina!
Etnas de carne! Jobs! Flores! Lázarus! Cristos!

Mártires! Cães! Dálías de pus! Olhos-fechados!
Reumáticos! Anões! Deliriums-tremens! Quistos!

Monstros, fenómenos, aflitos, aleijados,
Talvez lá dentro com perfeitos corações:
Todos, à uma, muge roucas ladainhas,
Trágicos, à uma, muge roucas ladainhas,
Trágicos, uivam "uma esmolinha p'las alminhas
Das suas obrigações!"
Pelo nariz corre-lhes pus, gangrena, ranho!
E, coitadinhos! fedem tanto – é de arrasar...

Qu'é dos Pintores do meu país estranho,
Onde estão eles que não vêm pintar?

Paris, 1891-1892

Texto teórico

Um dos mais belos textos de homenagem a um poeta que Pessoa publicou é, sem dúvida, o que a Nobre dedica nas páginas de *A Galera*, de Coimbra, em Fevereiro de 1915. Quem não conhece, nem que seja de as ver citadas, passagens como aquelas em que se diz que de “António Nobre partem todas as palavras com sentido lusitano que de então para cá têm sido pronunciadas” ou se proclama, com a economia cortante das verdades definitivas, que “Quando ele nasceu, nascemos todos nós.” (Obras em Prosa: 344-345)

MARTINHO, Fernando J.B. Heranças de Nobre. In: MOURÃO, Paula. António Nobre em contexto – actas do Colóquio realizado a 13 e 14 de Dezembro de 2000 – Biblioteca Nacional / Faculdade de Letras de Lisboa. Lisboa: Colibri, 2000. p. 101.

Questão de análise

Poeta do “inho”, António Nobre traça em “Lusitânia no Bairro Latino” um olhar que se desloca com ironia e agudeza pelo Portugal decadente de seu tempo. Procure comparar esse olhar crítico com o de Cesário Verde, em “Sentimento dum Ocidental” e discutir as afirmações de Pessoa acima referidas.

EÇA DE QUEIRÓS

A Ilustre Casa de Ramires

Fragmento I

Todos esses campos, esses povoados que avistava da portinhola da caleche, era ele que os representava em Cortes, ele, Gonçalo Mendes Ramires... E superiormente os representaria, mercê de Deus! Porque já as idéias o invadiam, viçosas e férteis. Na Vendinha, enquanto esperava que lhe frigissem um chouriço com ovos e duas postas de sável, meditou, para a Resposta ao Discurso da Coroa, um esboço sombrio e áspero da nossa Administração na África. E lançaria então um brado à Nação, que a despertasse, lhe arrastasse as energias para essa África portentosa, onde cumpria, como glória suprema e suprema riqueza, edificar de costa a costa um Portugal maior!... A noite cerrara, ainda outras idéias o revolviam, vastas e vagas - quando o trote esfalfado da parelha estacou no portão da Torre. (p. 154)

Fragmento II

Mas o Gouveia insistia, com superioridade, um sentimento verdadeiro da vida positiva:

— Olhe, Sra. D. Graça, acredite V. Exa., sempre era melhor arranjo para o Gonçalo que a África... Eu não acredito nesses prazos... Nem na África. Tenho horror à África. Só serve para nos dar desgostos. Boa para vender, minha senhora! A África é como essas quintarolas, meio a monte, que a gente herda duma tia velha, numa terra muito bruta, muito distante, onde não se conhece ninguém, onde não se encontra sequer um estanco; só habitada por cabreiros, e com sezões todo o ano. Boa para vender.

Gracinha enrolava lentamente nos dedos a fita do avental:

— O quê! vender o que tanto custou a ganhar, com tantos trabalhos no mar, tanta perda de vida e fazenda?!

O Administrador protestou logo, com calor, já enristado para a controvérsia:

— Quais trabalhos, minha senhora? Era desembarcar ali na areia, plantar umas cruzeiras de pau, atirar uns safanões aos pretos... Essas glórias de África são balelas. Está claro, V. Exa. fala como fidalga, neta de Fidalgos. Mas eu como economista. E digo mais... (p. 356)

Texto Teórico

“O século XIX foi o século em que pela primeira vez os portugueses (alguns) puseram em causa, sob todos os planos, a sua imagem de povo com vocação autônoma, tanto no ponto de vista político quanto cultural. Que tivéssemos merecido ser um povo, e povo com lugar no tablado universal, não se discutia. Interrogá-vamos apenas pela boca de Antero e de parte de sua geração, para saber se éramos ainda viáveis, dada a, para eles, ofuscante decadência. (...) Para fugir a essa imagem reles de si mesmo (‘choldra’, ‘piolheira’) Portugal *descobre* a África, cobre a sua nudez caseira com uma nova pele que não será apenas imperial mas imperialista, em pleno auge dos imperialismos de outro gabarito.”

LOURENÇO, Eduardo. Psicanálise mítica do destino português. In: ---. *O labirinto da saudade*. 3.ed. Lisboa: D. Quixote, 1988, p.24-25.

Questões de análise

1 - O fim do século dezenove apresenta novos desafios à sociedade portuguesa, desafios esses que podem ser sinalizados pelo avanço das nações européias no sentido do estabelecimento efetivo da colonização do espaço africano e, por outro lado, por toda a crise política gerada com o *ultimatum* inglês. Como tais questões se desenvolvem no universo romanesco de *A ilustre Casa de Ramires*?

FERNANDO PESSOA

Mensagem (Fragmentos)

Segunda parte: Mar Portuguez

Possessio maris.

II. Horizonte

O mar anterior a nós, teus medos
Tinham coral e praias e arvoredos.
Desvendadas a noite e a cerração,
As tormentas passadas e o mistério,
Abria em flor o Longe, e o Sul sidério
'Splendia sobre as naus da iniciação.

Linha severa da longínqua costa —
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta
Em árvores onde o Longe nada tinha;
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:
E, no desembarcar, há aves, flores,
Onde era só, de longe a abstrata linha

O sonho é ver as formas invisíveis
 Da distância imprecisa, e, com sensíveis
 Movimentos da esp'rança e da vontade,
 Buscar na linha fria do horizonte
 A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte —
 Os beijos merecidos da Verdade.

III. Padrão

O esforço é grande e o homem é pequeno.
 Eu, Diogo Cão, navegador, deixei
 Este padrão ao pé do areal moreno
 E para diante naveguei.

A alma é divina e a obra é imperfeita.
 Este padrão sinala ao vento e aos céus
 Que, da obra ousada, é minha a parte feita:
 O por-fazer é só com Deus.

E ao imenso e possível oceano
 Ensinam estas Quinas, que aqui vês,
 Que o mar com fim será grego ou romano:
 O mar sem fim é português.

E a Cruz ao alto diz que o que me há na alma
 E faz a febre em mim de navegar
 Só encontrará de Deus na eterna calma
 O porto sempre por achar.

IX

Ascensão de Vasco da Gama

Os Deuses da tormenta e os gigantes da terra
 Suspendem de repente o ódio da sua guerra
 E pasmam. Pelo vale onde se ascende aos céus

Surge um silêncio, e vai, da névoa ondeando os véus,
 Primeiro um movimento e depois um assombro.
 Ladeiam-no, ao durar, os medos, ombro a ombro,
 E ao longe o rastro ruge em nuvens e clarões.

Em baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a flauta
 Cai-lhe, e em êxtase vê, à luz de mil trovões,
 O céu abrir o abismo à alma do Argonauta.

X. Mar português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
 São lágrimas de Portugal!
 Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
 Quantos filhos em vão rezaram!
 Quantas noivas ficaram por casar
 Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
 Se a alma não é pequena.
 Quem quer passar além do Bojador
 Tem que passar além da dor.
 Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
 Mas nele é que espelhou o céu.

XII. Prece

Senhor, a noite veio e a alma é vil.
 Tanta foi a tormenta e a vontade!
 Restam-nos hoje, no silêncio hostil,
 O mar universal e a saudade.

Mas a chama, que a vida em nós criou,

Se ainda há vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a ocultou:
A mão do vento pode erguê-la ainda.

Dá o sopro, a aragem — ou desgraça ou ânsia —
Com que a chama do esforço se remoça,
E outra vez conquistaremos a Distância —
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

Terceira parte: o Encoberto

Pax in excelsis.

III. OS TEMPOS

PRIMEIRO / Noite

A nau de um deles tinha-se perdido
No mar indefinido.
O segundo pediu licença ao Rei
De, na fé e na lei
Da descoberta, ir em procura
Do irmão no mar sem fim e a névoa escura.

Tempo foi. Nem primeiro nem segundo
Volveu do fim profundo
Do mar ignoto à pátria por quem dera
O enigma que fizera.
Então o terceiro a El-Rei rogou
Licença de os buscar, e El-Rei negou.

Como a um cativo, o ouvem a passar
Os servos do solar.
E, quando o vêem, vêem a figura
Da febre e da amargura,
Com fixos olhos rasos de ânsia

Fitando a proibida azul distância.

Senhor, os dois irmãos do nosso Nome
— O Poder e o Renome —

Ambos se foram pelo mar da idade
À tua eternidade;
E com eles de nós se foi
O que faz a alma poder ser de herói.
Queremos ir buscá-los, desta vil
Nossa prisão servil:
É a busca de quem somos, na distância
De nós; e, em febre de ânsia,
A Deus as mãos alçamos.
Mas Deus não dá licença que partamos.

Texto teórico

“Para a Geração de 70, Portugal só podia esperar a redenção de uma catástrofe regeneradora, de um qualquer apocalipse histórico ou sobre providencial. Para Pessoa é puro futuro, manhã a amanhecer, vinda próxima do Encoberto, Cristo sem cristianismo, *fraternitatis rosea crucis*, quer dizer, invenção de uma fraternidade de alma de que a divisão das nações e dos impérios reais, triunfo da ‘Ordem’, é a contrafacção incurável e demoníaca.”

LOURENÇO, Eduardo. Da literatura como interpretação de Portugal (De Garrett a Fernando Pessoa). In: ---. O labirinto da saudade. 3.ed. Lisboa: D. Quixote, 1988, p.115.

Questões de análise

1 – Diante da leitura dos poemas presentes em *Mensagem*, sobretudo “Prece”, como podemos compreender a afirmação de Eduardo Lourenço, ao dizer que “para Pessoa [Portugal] é puro futuro, manhã a amanhecer vinda próxima do Encoberto, Cristo sem cristianismo, *fraternitatis rosea crucis*, quer dizer, invenção de uma fraternidade de alma de que a divisão das nações e dos impérios reais, triunfo da ‘Ordem’, é a contrafacção incurável e demoníaca”?

2 – Partido da análise dos poemas “Padrão” e “Ascensão de Vasco da Gama”, podemos indagar: como o texto pessoano investiga o sentido iniciático da viagem? Estabeleça relações entre a viagem como conquista de um Império real, proposta em Camões, e a viagem encenada como rito de passagem, acesso ao Quinto Império.

MIGUEL TORGA

Contos da montanha

Fragmento I

“Foi um grande acontecimento em Vilarinho, quando na Senhora da Agonia, à missa, o padre João leu os nomes dos mordomos da próxima festa. É que, à cabeça do rol, vinha o Firmo, e todos esperavam tudo, menos isso.

- O Firmo?! – não se conteve, no silêncio da igreja, o António Puga.

- Psiu!... – sibilou, dos lados da pia benta, o sacristão, que andava às esmolos.

E o caso só à saída foi comentado como merecia.

- O Firmo?! Mas então o Firmo, daqui a um ano... – e o Puga nem era capaz de levar o raciocínio ao fim.

- Fica. Desta vez fica... – garantiu a Margarida, que bebia do fino. – O padre João tantas lhe disse...

A assistência ouvia maravilhada. O Firmo de pedra e cal em Vilarinho! O mundo sempre dá muita volta!

A notícia tinha realmente que se lhe dissesse. Há muitos anos já que o Firmo desorientava Vilarinho. Desde que viera de Amarante, da artilharia, e embarcara, nunca mais a seu respeito se soube a quantas se andava. Nem a própria mulher. Quando lhe perguntavam pelo homem, o que fazia, se voltava, se gozava saúde, respondia, já resignada:

- O meu Firmo?! Eu sei lá do meu Firmo!

No Brasil, na América, na Argentina, os que o conheciam estavam na mesma. Sempre a variar de terra, sempre a mudar de emprego, e às duas por três a oferecer préstimos para Portugal.”

[TORGA, Miguel. Homens de Vilarinho. In: ---. *Contos da montanha*. 5.ed. aumentada e revista. Coimbra: Edição do Autor, 1976, p.45.]

Fragmento II

“O mundo dera a Firmo luzes para ver além das fragas nativas. Por isso tinha olhos para ver o padre em plena grandeza. Um castanheiro. Tal e qual um castanheiro, redondo, maciço, frondoso. De tal modo fíncado onde nascera, que não havia forças que o fizessem mudar. Só a morte. Ele, Firmo, filho de cavadores, cavador até aos vinte, que se casara, que não tinha estudos, - sem nenhum apego à terra, incapaz de se deixar penetrar da verdade dos tojos e das leiras; e aquele homem letrado, que recebera ordens, que prometera dar-se todo a quem proclamara que o seu reino não era desse mundo, - ali com mulher e filhos, cheio do amor deles, agarrado às verças como os juncos às nascentes! As razões que apresentava eram sempre as mesmas. Tantas vezes as ouvira que já nem lhes ligava sentido. Mas agora as palavras de ontem, de antes de ontem, de há vinte anos, embora igualmente incapazes de o vencer – pois sabia que não o movera nenhum dos argumentos invocados -, entravam-lhe pelo ouvido dentro com outra significação. Mandavam-no curvar-se de pura admiração diante de uma vida sem fendas, inteira como um rochedo.” (Idem, p. 52-3)

OLGA GONÇALVES

A floresta em Bremerhaven

“Digo-lhe uma coisa que nunca disse a ninguém e que até me cava aqui na testa. Sabe que às vezes me lembra de abalar prà Alemanha? De abalar, pronto, de ir outra vez prò estrangeiro. Não sei se estão a deixar sair homens prò Canadá. Quando me chega esta ideia até se me põe uma dor de cabeça tão forte! Eu que estranhei lá tanto, que trabalhei lá que nem um burro de carga. Não foi menos o que trabalhei, não foi menos do que quando cá andava, só que doutra maneira.”

GONÇALVES, Olga. *A floresta em Bremerhaven*. 2.ed. Lisboa: Bertrand, 1980, p.106.

Texto Crítico

“A ‘emigração’ simbólica de que Camões seria agora o exemplar e mítico patrono, não muda de conteúdo com o novo carisma. Ela foi *expansão*, conquista, descoberta, gesta desmedida de pequeno povo convertido em ferro de lança da burguesia empreendedora e mundialista do Ocidente. Foi um fenómeno imperialista, ao mesmo tempo religioso e cultural, de absoluta boa consciência, como os tempos pediam e pedem sempre aos que têm meios para os levar a cabo, exemplo ímpar de energia vital e histórica. É desta ‘emigração’ planetária que Camões foi o cantor patético e violento, o *cruzado* intelectual e moral consciente de sê-lo, mesmo se nela não foi humanamente mais, como a poetas pode suceder, que um marginal de gênio, codilhado e mal pago. Pobres, saímos de casa para ser ou tentar ser senhores: em Goa ou Malaca onde era fácil, para muitos, o acesso à asiática riqueza; no Brasil, onde era necessário inventá-la, lavrando com escravo e caçando índio. Que

tem a ver *esta* ‘emigração’, cujos avatares duraram quatrocentos anos, apagados de súbito em dois, separados por cento e cinquenta, com a *emigração dolorosa* que há duas dúzias de anos converteu a população mais pobre, mas também mais enérgica, das nossas aldeias e vilas, nos *soutiers de l’Europe*, para empregar um título famoso do *Le Monde*?”

LOURENÇO, Eduardo. A emigração como mito e os mitos da emigração. In: ---. *O labirinto da saudade*. 3.ed. Lisboa: D. Quixote, 1988, p.124-5.

“Trata-se, é claro, de uma concepção fechada de "tribo", diáspora e pátria. Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de "tradição", cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua "autenticidade". É, claro, um mito.”

HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexão sobre a terra no exterior. In: ---. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003, p.29

Questão de análise

O conto “Homens de Vilarinho” contrapõe as personagens Firmo e Padre João, como representações de dois percursos significativos no séc. XX português: a incessante busca de novas viagens, já agora pela mão da emigração, e o apego à terra em agonia, esquecida pelas demais nações. A considerar também o fragmento de Olga Gonçalves e as observações de Eduardo Lourenço em “A emigração como mito e os mitos da emigração”, como podemos ler a emigração no contexto das viagens portuguesas?

JOSÉ CARDOSO PIRES

O Delfim

Fragmento I

“Passam duas viúvas-de-vivos com cestos de roupa à cabeça: 'Tempo... Primavera...' Que é o tempo para estas mulheres? O tamanho dum luto, duma ausência? E para o Engenheiro? Uma velocidade ansiosa... um jaguar, seis mil rotações por minuto que o levam à cidade e o vingavam dela? E, no que toca aos camponeses, que vem a ser o tempo para os camponeses operários que trabalham na Vila? E para o Regedor? E para a minha hospedeira, santa madona de boquinha recatada? E para mim, que sou senhor escritor?” (*O Delfim*, p. 37)

Fragmento II

“Na aldeia, a três quilômetros da casa da lagoa e do *bodegón*, várias jovens camponesas dormem sòzinhas nas suas camas de casadas. Lembro-me delas (das viúvas-de-vivos iguais às que há pouco subiram a rua com cestos de roupa à cabeça), lembro-me das suas bodas comprometidas visto que já sabiam, estava decidido, que em breve os maridos partiriam para as minas da Alemanha ou para as fábricas do Canadá, e não lhes restaria mais do que, vestidas de luto (assim manda o costume, o contrato), sonhar com eles e com a hora do regresso em que pudessem despir o negro que cobre a sua morte oficial.” (Idem, p. 53)

Texto crítico

“Lá vai o português,
diz o mundo, quando diz, apontando umas criaturas carregadas de
História que formigam à margem da Europa.

Lá vai o português, lá anda. Dobrado ao peso da História,
carregando-a de facto, e que remédio – índias, naufrágios, cruzeiros de
padrão (as mais pesadas). Labuta a côdea de sol-a-sol e já nem sabe
se sonha ou se recorda. Mal nasce deixa de ser criança: fica logo
com oito séculos.

No grande atlas dos humanos talvez figure como um ser mirrado de
corpo, mirrado e ressequido, mas que outra forma podia ele ter
depois de tantas gerações a lavar sal e cascalho? Repare-se que foi
remetido pelos mares a uma estreita faixa de litoral (Lusitânia,
assim chamada) e que se cravou nela com unhas e dentes, com
amor, com desespero ou lá o que é. Quer isto dizer que está preso à
Europa pela ponta, pelo que sobra dela, para não se deixar devolver
aos oceanos que descobriu com muita honra. E nisso não é como o
coral que faz pé-firme num ondular de cores vivas, mercados e
joalheria; é antes como o mexilhão cativo, pobre e obscuro, já sem
água, todo crespo, que vive a contra-corrente no anonimato do
rochedo. (De modo que quando a tormenta varre a Europa é ele que
a suporta e se faz pedra, mais obscuro ainda).”

PIRES, José Cardoso. Lá vai o português. In: ---. *E agora, José?* Lisboa: Moraes,
1977.

Questões de análise

1 – O projeto político de *O Delfim* ressalta a tomada da lagoa pelo
povo da Gafeira, evidenciando a falência ética dos “barões
assinalados”; aqui, o Delfim é herdeiro sem poder. O romance
contudo, encena também o esvaziamento concreto da pátria: se ele
viaja à gafeira para encontrar-se com a escrita, também vislumbra

uma sociedade marcada por ausências, por homens que partem e
jovens camponesas a dormir “sòzinhas nas suas camas de casadas”.
Desenvolva a afirmativa.

2 – Como o texto romanesco de *O Delfim* problematiza a relação do
homem português com o tempo e a História? É possível estabelecer
algum laço entre o romance e o que afirma José Cardoso Pires em
“Lá vai o português”?

JORGE DE SENA

“Em Creta com o Minotauro”

I

Nascido em Portugal, de pais portugueses,
e pai de brasileiros no Brasil,
serei talvez norte-americano quando lá estiver.
Coleccionarei nacionalidades como camisas se despem,
se usam e se deitam fora, com todo o respeito
necessário à roupa que se veste e que prestou serviço.
Eu sou eu mesmo a minha pátria. A pátria
de que escrevo é a língua em que por acaso de gerações
nasci. E a do que faço e de que vivo é esta
raiva que tenho de pouca humanidade neste mundo
quando não acredito em outro, e só outro quereria que
este mesmo fosse. Mas, se um dia me esquecer de tudo,
espero envelhecer
tomando café em Creta
com o Minotauro,

II

O Minotauro compreender-me-á.
Tem cornos, como os sábios e os inimigos da vida.
É metade boi e metade homem, como todos os homens.
Violava e devorava virgens, como todas as bestas.
Filho de Pasifae, foi irmão de um verso de Racine,
que Valéry, o cretino, achava um dos mais belos da "langue".
Irmão também de Ariadne, embrulharam-no num novelo de que se
lixou.
Teseu, o herói, e, como todos os gregos heróicos, um filho da puta,
riu-lhe no focinho respeitável.
O Minotauro compreender-me-á, tomará café comigo, enquanto

o sol serenamente desce sobre o mar, e as sombras,
cheias de ninfas e de efecos desempregados,
se cerrarão dulcíssimas nas chávenas,
como o açúcar que mexeremos com o dedo sujo
de investigar as origens da vida.

III

É aí que eu quero reencontrar-me de ter deixado
a vida pelo mundo em pedaços repartida, como dizia
aquele pobre diabo que o Minotauro não leu, porque,
como toda a gente, não sabe português.
Também eu não sei grego, segundo as mais seguras informações.
Conversaremos em volapuque, já
que nenhum de nós o sabe. O Minotauro
não falava grego, não era grego, viveu antes da Grécia,
de toda esta merda douta que nos cobre há séculos,
cagada pelos nossos escravos, ou por nós quando somos
os escravos de outros. Ao café,
diremos um ao outro as nossas mágoas.

IV

Com pátrias nos comprem e nos vendem, à falta
de pátrias que se vendam suficientemente caras para haver vergonha
de não pertencer a elas. Nem eu, nem o Minotauro,
teremos nenhuma pátria. Apenas o café,
aromático e bem forte, não da Arábia ou do Brasil,
da Fedecam, ou de Angola, ou parte alguma. Mas café
contudo e que eu, com filial ternura,
verei escorrer-lhe do queixo de boi
até aos joelhos de homem que não sabe
de quem herdou, se do pai, se da mãe,
os cornos retorcidos que lhe ornaram
nobre fronte anterior a Atenas, e, quem sabe,
à Palestina, e outros lugares turísticos,

imensamente patrióticos.

V

Em Creta, com o Minotauro,
sem versos e sem vida,
sem pátrias e sem espírito,
sem nada, nem ninguém,
que não o dedo sujo,
hei-de tomar em paz o meu café.

[SENA, Jorge de. *Poesia III*. 3.^a ed. Lisboa: Ed. 70, 1989.]

Textos teóricos

1-“Obstinação, exagero, tintas carregadas são características de um exilado, métodos para obrigar o mundo aceitar sua visão - que ele torna mais inaceitável porque, na verdade, não está disposto a vê-la aceita. É a visão dele, afinal de contas. Compostura e serenidade são as últimas coisas associadas á obra dos exilados. Os artistas no exílio são decididamente desagradáveis, e a teimosia se insinua até mesmo em suas obras mais elevadas.”

“... ficar longe de "casa", a fim de olhá-la com o distanciamento do exílio, pois há mérito considerável em observar as discrepâncias entre os vários conceitos e idéias e o que eles produzem de fato. Damos como certas a pátria e a língua, elas se tornam natureza, e seus pressupostos subjacentes retrocedem para o dogma e a ortodoxia. O exilado sabe que, num mundo secular e contingente, as pátrias são sempre provisórias. Fronteiras e barreiras, que nos fecham na segurança de um território familiar, também podem ser prisões e são, com freqüência, defendidas para além da razão ou da necessidade. O exilado atravessa fronteiras, rompe barreiras do pensamento e da experiência.”

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Sel. Milton Hatoum. São Paulo: Cia. das Letras, 2003. p.55 e 58

2-“Não pertencer a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui a parada. Pontos de referência, nada mais. O seu tempo? O de uma ressurreição que se lembra da morte e do antes, mas perde a glória do estar além: somente a impressão de um *sursis*, de ter escapado.”

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.15

Questão de análise

Estrangeiro constante, por sua própria opção, não seria demais afirmar que, em Sena, o exílio é uma condição em si, autônoma, que extrapola o sentido político, ainda que também o considere. Desenvolva essa afirmativa, a partir da leitura dos poemas acima. Considere as reflexões de Edward Said e Julia Kristeva acerca da condição do exilado / estrangeiro.

JOSÉ SARAMAGO***A jangada de pedra***

“Então, a Península ibérica moveu-se um pouco mais, um metro, dois metros, a experimentar as forças. As cordas que serviam de testemunhos, lançadas de bordo a bordo, tal qual os bombeiros fazem nas paredes que apresentam rachas e ameaçam desabar, rebentaram como simples cordéis, algumas mais sólidas arrancaram pela raiz as árvores e os postes a que estavam atadas. Houve depois uma pausa, sentiu-se passar nos ares um grande sopro, como a primeira respiração profunda de quem acorda, e a massa de pedra e terra, coberta de cidades, aldeias, rios, bosques, fábricas, matos bravios, campos cultivados, com a sua gente e os seus animais, começou a mover-se, barca que se afasta do porto e aponta ao mar outra vez desconhecido.”

SARAMAGO, José. *A jangada de pedra*. Lisboa: Caminho, 1986. p. 45

Texto teórico

“Em primeiro lugar, a cultura portuguesa não se esgota na cultura dos portugueses e, vice-versa, a cultura dos portugueses não se esgota na cultura portuguesa. Em segundo lugar, as aberturas específicas da cultura portuguesa são, por um lado, a Europa e, por outro, o Brasil e até certo ponto, a África. Em terceiro lugar, a cultura portuguesa é a cultura de um país que ocupa uma posição semiperiférica no sistema mundial.”

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1995, p.148.

E é por isso que no nosso trajecto histórico cultural da modernidade fomos tanto o Europeu como o selvagem, tanto o colonizador como o imigrante. “A zona fronteiriça é uma zona híbrida, babélica, onde

os contactos se pulverizam e se ordenam segundo micro-hierarquias pouco susceptíveis de globalização. Em tal zona, são imensas as possibilidades de identificação e de criação cultural, todas igualmente superficiais e igualmente subvertíveis: a antropofagia que Oswald de Andrade atribuía à cultura brasileira e que eu penso caracterizar igualmente e por inteiro a cultura portuguesa.” (Idem, p. 153)

Questões de análise

1 – O romance *A jangada de pedra* insere-se em discussão maior proposta pelo autor acerca do lugar de Portugal no concerto das nações: para Saramago, Portugal foge ao contexto europeu, devendo alinhar-se, juntamente com a Espanha, entre a América do Sul e a África. Como podemos discutir essa questão à luz dos problemas apontados por Boaventura de Sousa Santos em *Pela mão de Alice*?

2 – De Camões a Saramago, passando por Garrett e o Pessoa de Mensagem, que transformações sofre, na literatura portuguesa, o sentido da **viagem** como alegoria da nação?

Antologia de literatura portuguesa

Linha temática: Escrita

EÇA DE QUEIROS

A Ilustre Casa de Ramires

Fragmento I

Desde as quatro horas da tarde, no calor e silêncio do domingo de junho, o Fidalgo da Torre, em chinelos, com uma quinzena de linho envergada sobre a camisa de chita cor-de-rosa, trabalhava. Gonçalo Mendes Ramires (que naquela sua velha aldeia de Santa Irenéia, e na vila vizinha, a asseada e vistosa Vila-Clara, e mesmo na cidade, em Oliveira, todos conheciam pelo “Fidalgo da Torre”) trabalhava numa novela histórica, *A Torre de D. Ramires*, destinada ao primeiro número dos *Anais de Literatura e de História*, revista nova, fundada por José Lúcio Castanheiro, seu antigo camarada de Coimbra, nos tempos do Cenáculo Patriótico, em casa das Severinas.

[...] E daí, da sua cadeira de couro, Gonçalo Mendes Ramires, pensativo diante das tiras de papel almaço, roçando pela testa a rama da pena de pato, avistava sempre a inspiradora da sua novela – a Torre, a antiqüíssima Torre, quadrada e negra sobre os limoeiros do pomar que em redor crescera, com uma pouca de hera no cunhal rachado, as fundas frestas gradeadas de ferro, as ameias e a miradoura bem cortadas no azul de junho, robusta sobrevivência do Paço acastelado, da falada Honra de Santa Irenéia, solar dos Mendes Ramires desde os meados do século X.

[...]

E foi então que Gonçalo Mendes Ramires, moço muito afável, esbelto e loiro, duma brancura sã de porcelana. com uns finos e risonhos olhos que facilmente se enterneciam, sempre elegante e apurado na batina e no verniz dos sapatos - apresentou ao Castanheiro, num domingo depois do almoço, onze tiras de papel

intituladas “D. Guiomar”. Nelas se contava a velhíssima história da castelã, que, enquanto longe nas guerras do Ultramar o castelão barbudo e cingido de ferro atira a acha de armas às portas de Jerusalém, recebe ela na sua câmara, com os braços nus, por noite de maio e de lua, o pajem de anelados cabelos... (cap.I)

Fragmento II

Ao rematar este duro capítulo, depois de três manhãs de trabalho, Gonçalo arrojou a pena com um suspiro de cansaço. Ah! já lhe entrava a fatura dessa interminável Novela, desenrolada como um novelo solto - sem que ele lhe pudesse encurtar os fios, tão cerradamente os emaranhara no seu denso Poema o tio Duarte que ele seguia gemendo! E depois nem o consolava a certeza de construir obra forte. Esses Tructesindos, esses Bastardos, esses Castros, esses Sabedores eram realmente varões Afonsinos, de sólida substância histórica?... Talvez apenas ocos títeres, mal engonçados em erradas armaduras, povoando inverídicos arraiais e castelos, sem um gesto ou dizer que datassem das velhas idades! (cap.IX)

QUEIRÓS, Eça de. Obra completa [*A ilustre casa de Ramires*]. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. v. II (pp. 485, 650, 691-692)

Texto crítico

- 1- Facto muito importante, também a relacionar com a técnica realista do romance, são os diferentes planos em que se situa o assunto quanto ao seu grau de realidade: assim Eça sabe dar o plano do sonho num tom que não é real, ou o da novela medieval d'*A Ilustre Casa* num estilo diverso do da narrativa básica, mas sem grande pretensão arcaizante. Não faremos o estudo desta diversificação; basta notar que, na transição das

atmosferas de realidade e sonho, ou de uma a outra subjectividade, desempenham papel decisivo as combinações entre o uso do perfeito narrativo, do imperfeito descritivo e do presente histórico, e ainda as do discursos directo, indirecto e do chamado indirecto livre, síntese polifónica da voz da personagem com a voz do narrador, que apresenta aliás variadas gradações, entre a quase reprodução directa e versões mais ou menos distanciadas ou narrativizadas. [...]

SARAIVA, A.J. e LOPES, O. *História da literatura portuguesa*. 17.ed. corr. e aum. Porto: Porto Editora, 1996. p. 890)

- 2- A “mise en abyme” n’*A Ilustre Casa de Ramires* torna o leitor contemporâneo de uma escrita, testemunha daquilo que pode ser a literatura como actividade criadora, como género literário: ele deve interrogar-se sobre o sentido a dar à actividade de escrever. A escrita invade o texto do romance. Toda a gente escreve, as cartas multiplicam-se, os primórdios da vida do herói coincidem com os seus anos da aprendizagem de escritor. [...] Pela atenção prestada às condições de produção da escrita, à sua materialidade, a escrita é de alguma maneira examinada e desmitificada: a escrita em processo transforma-se em processo da escrita. [...] O questionamento da escrita torna-se patente e mais grave ao ser posta em causa a inspiração, os modelos seguidos pelo escritor. [...]

PAGEAUX, Daniel-Henry. *A Ilustre Casa de Ramires*: da “mise en abyme” à busca do sentido. In: *Actas do 1º Encontro Internacional de Queirozianos*. Porto- 22 a 25/11/1988. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Lisboa: Asa, 1991. p. 191-192.

Questões de análise

- 1-“ A invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente” (SAID, Edward W. . *Cultura e imperialismo*. p.33). Considerando essa idéia, discuta as tensões à volta da escrita de uma cultura / identidade portuguesa.

- 2- Aproveitando a idéia acima de polifonia, examine a relação do protagonista com a escrita e a história / História.

- 3- Podemos dizer que a intertextualidade é a estrutura dominante dessa narrativa? Por quê?

FERNÃO LOPES

Fragmento I – Crônica de D. Pedro - com grafia parcialmente atualizada

(Do reinado del-rei Dom Pedro, oitavo rei de Portugal, e das condições que nele havia)

Morto el-rei Dom Afonso, como haveis ouvido, reinou seu filho o infante Dom Pedro, havendo então de sua idade trinta e sete anos e um mês e dezoito dias. E porque dos filhos que houve, e de quem, e por que guisa, já compridamente havemos falado, não cumpre aqui razoer outra vez, mas das manhas e condições e estados de cada um diremos adiante, muito brevemente, onde convier falar de seus feitos.

Fragmento II - idem

(Como el-rei quisera meter um bispo a tormento porque dormia com uma mulher casada)

Não somente usava el-rei de justiça contra aqueles que razão tinha, assim como leigos e semelhantes pessoas, mas assim ardia o coração dele de fazer justiça dos maus que não queriam guardar a sua jurisdição: aos clérigos também, de ordens pequenas como de maiores. E se lhe pediam que o mandasse entregar a seu vigário, dizia que o pusessem na forca e que assim o entregassem a Jesus Cristo que era seu vigário, que fizesse dele direito no outro mundo. E ele por seu corpo os queria punir e atormentar, assim como quisera fazer a um bispo do Porto, na maneira que vos contaremos.

Fragmento III – idem

(como foi trasladada Dona Inês para o mosteiro de Alcobaça e da morte del-rei Dom Pedro)

Porque semelhante amor qual el-rei Dom Pedro houve a Dona Inês raramente é achado nalguma pessoa, porém disseram os antigos que nenhum é tão verdadeiramente achado como aquele cuja morte não tira da memória o grande espaço do tempo.

E se algum disser que muitos foram já que tanto e mais que ele amaram, assim como Ariana e Dido e outros que não nomeamos, segundo se lê em suas epístolas, responde-se que não falamos em amores compostos, os quais alguns autores, abastados de eloquência e florescentes em bem ditar, ordenaram segundo lhes prouve, dizendo em nome de tais pessoas razões que nunca nenhuma delas cuidou. Mas falamos daqueles amores, que se contam e lêem nas histórias, que seu fundamento têm sobre verdade.

LOPES, Fernão. *Crónica de D. Pedro*. Lisboa: Horizonte, 1977.

Fragmento IV – Crônica de D. João I (grafia parcialmente atualizada)

Prólogo: [...] Nós certamente levando outro modo, posta a de parte toda afeição, que por azo das ditas razões haver podíamos, nosso desejo foi em esta obra escrever verdade sem outra mistura, deixando nos bons aquecimentos todo fingido louvor, e nuamente mostrar ao povo quaisquer contrarias coisas da guisa que houveram. E se o Senhor Deus a nós outorgasse o que a alguns escrevendo não negou, convém a saber, em suas obras clara certidão da verdade,

sem dúvida não somente mentir do que sabemos, mas ainda errando, falso não queríamos dizer; [...] Ó! com quanto cuidado e diligência vimos grandes volumes de livros, de desvairadas linguagens e terras; e isso mesmo públicas escrituras de muitos cartórios e outros lugares, nas quais depois de longas vigílias e grandes trabalhos, mais certidão haver não podemos da conteúda em esta obra.

Fragmento VI – idem

(Das tribulações que Lisboa padecia por míngua de mantimentos, cap. 148)

Estando a cidade assim cercada na maneira que já ouvistes, gastavam-se os mantimentos cada vez mais, por as muitas gentes que em ela havia, assim dos que se colheram dentro, do termo, de homens aldeãos com mulheres e filhos, como dos que vieram na frota do Porto; [...]

Como não quereis que maldissessem sua vida e desejassem morrer alguns homens e mulheres, que tanto diferença há d’ouvir estas coisas àqueles que as então passaram, como há da vida à morte? Os padres e madres viam estalar de fome os filhos que muito amavam, rompias as faces e peitos sobre eles, não tendo com que lhe acorrer, senão pranto e espargimento de lágrimas; e sobre todo isto, medo grande da cruel vingança que entendiam que el-Rei de Castela deles havia de tomar. [...]

Ora esguarde como se fosseis presente, uma tal cidade assim desconfortada e sem nenhuma certa feúza de seu livramento, como viveriam em desvairados cuidados quem sofria ondas de tais aflições? Ó geração que depois veio, povo bem aventurado, que não soube parte de tantos males, nem foi quinhoeiro de tais padecimentos! Os quais a Deus por Sua mercê prougue de cedo abrevir doutra guisa, como acerca ouvireis.

LOPES, Fernão. *Crónica de D. João I*. Lisboa: Seara Nova, 1980.

Texto crítico

Fernão Lopes pertence a uma época que se caracteriza precisamente pelo realismo abundante dos pormenores. Nota-se nele uma curiosidade ávida de conhecer como as coisas se passaram, desgosta-o que a história fique “indeterminada” e entende que o historiador terá de minudenciar os factos, porque “as coisas tostemente passam e se dam a esquecimento” (Crón. de D. João I, parte II, cap. 83).

A esta preocupação da minúcia descritiva, sabiamente agenciada em função do seu valor expressivo, se devem os grandes quadros de Fernão Lopes: os motins da arraia-miúda, o cerco de Lisboa, as festas do Porto. Nada aí de mais, e tudo converge para dar vida ao quadro. O escritor tinha um sentimento delicado da justa medida, que o leva por vezes a abreviar os assuntos áridos como os capítulos de alianças e tratados, “por non mostrar destemperada perlonga” (ibid., cap. 80).

LAPA, Manuel Rodrigues. *Lições de Literatura Portuguesa – época medieval*. 9.ed.ver. e acresc. Coimbra: Coimbra Editora, 1977, p.396-397.

Questões de análise

1-Na página 372 de suas *Lições de Literatura Portuguesa*, Rodrigues Lapa afirma: "Na obra de Fernão Lopes a contemplação da alma dá lugar à contemplação da vida." Desenvolva essa idéia, considerando a relação da obra do cronista português com a História, sua linguagem narrativa e a presença do povo.

2- Desenvolva a comparação que António José Saraiva e Óscar Lopes, em sua *História da Literatura Portuguesa*, fazem: [Em Fernão Lopes], mais do que em Camões, pode dizer-se que encontramos na sua forma mais consumada e viva a epopeia nacional portuguesa [...]. Em comparação com estas crónicas, *Os Lusíadas* aparecem-nos como uma epopeia póstuma, inspirada pelo

sentimento de uma decepção que quer resgatar-se, e vibrando de inquietação acerca do destino nacional, social e humano. (p.133)

LUIS DE CAMÕES

Os Lusíadas

Canto V

37

Porém já cinco sóis eram passados
Que dali nos partíramos, cortando
Os mares nunca de outrem navegados
Prosperamente os ventos assoprando,
Quando ua noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Ua nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.

38

Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo.
Bramindo, o negro mar de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo.
- <<Ó Potestade – disse – sublimada,
Que ameaço divino ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?>>

39

Não acabava, quando ua figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura,
O rosto carregado, a barba esquelada,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a cor terrena e pálida,
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.

40

Tão grande era de membros, que bem posso
 Certificar-te que este era o segundo
 De Rodes estranhíssimo Colosso,
 Que um dos sete milagres foi do mundo.
 C'um tom de voz nos fala horrendo e grosso,
 Que pareceu sair do mar profundo.
 Arrepiam-se as carnes e o cabelo
 A mim e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo.

41

E disse: - <<Ó gente ousada, mais que quantas
 No mundo cometeram grandes cousas,
 Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,
 E por trabalhos vãos nunca repousas,
 Pois os vedados términos quebrantas
 E navegar meus longos mares ousas,
 Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,
 Nunca arados de estranho ou próprio lenho;

42

<<Pois vens ver os segredos escondidos
 Da natureza e do húmido elemento,
 A nenhum grande humano com cedidos
 De nobre ou de imortal merecimento,
 Ouve os danos de mi que apercebidos
 Estão a teu sobejo atrevimento,
 Por todo o largo mar e pela terra
 Que inda hás de subjugar com dura guerra

- estrofes finais da epopéia (Canto X)

145

Não mais, Musa, não mais, que a lira tenho
 Destemperada e a voz enrouquecida,
 E não do canto, mas de ver que venho
 Cantar a gente surda e endurecida.
 O favor com que mais se acende o engenho,
 Não no dá a Pátria, não, que está metida
 No gosto da cobiça e na rudeza
 Dua austera, apagada e vil tristeza.

(...)

154

Mas eu que falo, humilde, baixo e rudo,
 De vós não conhecido nem sonhado?
 Da boca dos pequenos sei, contudo,
 Que o louvor sai às vezes acabado;
 Nem me falta na vida honesto estudo,
 Com longa experiência misturado,
 Nem engenho, que aqui vereis presente,
 Cousas que juntas se acham raramente.

155

Para servir-vos, braço às armas feito;
 para cantar-vos, mente às Musas dada;
 Só me falece ser a vós aceito,
 De quem virtude deve ser prezada.
 Se me isto o Céu concede, e o vosso peito
 Digna empresa tomar de ser cantada
 - Como a pressaga mente vaticina,
 Olhando a vossa inclinação divina -,

156

Ou fazendo que, mais que a de Medusa,
 A vista vossa tema o monte Atlante,

Ou rompendo nos campos de Ampelusa
 Os muros de Marrocos e Trudante,
 A minha já estimada e leda Musa
 Fico que em todo o mundo de vós cante,
 De sorte que Alexandre em vós se veja,
 Sem à dita de Aquiles ter enveja.

Texto crítico

A liberdade de juízo que Camões patenteia na epopéia lhe vem, em parte, de sua qualidade de humanista, mas também, e sobretudo, da de homem inserido numa época de crise, capaz de avaliar a grandeza do esforço realizado, identificando-se com ele no que encerra de afirmativo do homem superador da própria condição, mas capaz também de enxergar-lhe o outro lado, o que irrompe dos relatos da história trágico-marítima: capaz de sentir que o grande momento de Portugal já passou, mas existiu, em toda a plenitude da empresa que utilizou o homem integral – o da ciência, da técnica e da ação. Essa liberdade de juízo, porém, poderia não ter sido conservada pelo Poeta que criava uma epopéia – narrativa de feitos positivamente apresentados, sem questionamento, destinada à exaltação de um povo. E aqui está uma das razões da grandeza do poema que, à medida que se faz, questiona não somente o contexto que utiliza, mas o próprio enunciado que consagra este contexto. A matéria épica, apesar da visão crítica do Poeta, apesar das tremendas acusações do Velho do Restelo, permanece válida mas não indiscutida: há pelo menos duas verdades possíveis.

Serão, por isso, Os Lusíadas menos epopéia que a Odisséia ou a Eneida? Nem menos, nem mais. Os Lusíadas são a epopéia de novos tempos, tempos contraditórios. Alimentado de tais

contradições, o poema adquire modernidade e se afirma como a única epopéia representativa do Renascimento europeu.”

BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos camonianos*. 2.ed. ver. e amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Cátedra Padre António Vieira, Instituto Camões, 2000. p. 54-55.

Questão de análise

- 1- No panorama da cultura portuguesa, "Os Lusíadas" é um marco. Disserte sobre essa obra fundamental, relacionando-a ao projeto renascentista e ao projeto nacional português dos séculos XV e XVI. Discuta também como o poeta mostra as falhas desses projetos na linguagem poética. Considere a seguinte afirmação de Eduardo Lourenço em “Camões ou a nossa alma”: quando Camões refaz o percurso simbólico de Portugal como de um herói coletivo, destinado pela Providência a abrir os oceanos e a levar a mensagem de Cristo ao Oriente, (...) a descoberta de Gama tem quase um século e o teatro da Índia que ele freqüentara como desterrado é menos um tablado épico que uma imensa feira que se desfaz.”

LOURENÇO, Eduardo. *Poesia e metafísica*. Camões, Antero, Pessoa. Lisboa: Sá da Costa, 1983.

ALMEIDA GARRETT
Viagens na Minha Terra

Fragmento I

Que viaje à roda do seu quarto quem está à beira dos Alpes, de Inverno, em Turim, que é quase tão frio como Sampetersburgo – entende-se. Mas com este clima, com este ar que Deus nos deu, onde a laranjeira cresce na horta, e o mato é de murta, o próprio Xavier de Maistre, que aqui escrevesse, ao menos ia até o quintal.

Eu muitas vezes, nestas sufocadas noites de Estio, viajo até a minha janela para ver uma nesguita de Tejo que está no fim da rua, e me enganar com uns verdes de árvores que ali vegetam sua laboriosas viagens nos entulhos do Cais do Sodré. E nunca escrevi estas minhas viagens nem as suas impressões; pois tinham muito que ver! Foi sempre ambiciosa a minha pena: pobre e soberba, quer assunto mais largo. Pois hei-de dar-lho. Vou nada menos que a Santarém; e protesto que de quanto vir e ouvir, de quanto eu pensar e sentir se há-de fazer crónica.. [...]

Pois por isso mesmo, vou: - *pronunciei-me*.

São 17 deste mês de Julho, ano de graça de 1843, uma segunda-feira, dia sem nota e de boa estrela. Seis horas da manhã a dar em S.Paulo, e eu a caminhar para o Terreiro do Paço. Chego muito a horas [...] (cap. I)

Fragmento II

[...]

Sim, leitor benévolo, e por esta ocasião te vou explicar como nós hoje em dia fazemos a nossa literatura. Já me não importa guardar segredo; depois desta desgraça, não me importa já nada. Saberás, pois, ó leitor, como nós outros fazemos o que te fazemos ler.

Trata-se de um romance, de um drama. [...]

Todo o drama e todo o romance precisa de:

Uma ou duas damas;

Um pai:

Dois ou três filhos de dezanove a trinta anos;

Um criado velho;

Um monstro, encarregado de fazer as maldades;

Vários tratantes, e algumas pessoas capazes para intermédios.

Ora bem; vai-se aos figurinos franceses de Dumas, de Eugénio Sue, de Vitor Hugo, e recorta a gente, de cada um deles, as figuras que precisa, gruda-as sobre uma folha de papel da cor da moda, verde, pardo, azul [...] forma com elas os grupos e situações que lhe parece; não importa que sejam mais ou menos disparatados. Depois vai-se às crónicas, tiram-se uns poucos de nomes e palavrões velhos; com os nomes crismam-se os figurões; com os palavrões *iluminam-se*... (estilo de pintor pinta-monos). – E aqui está como nós fazemos a nossa literatura original. (cap. V)

Fragmento III

[...]

Assim terminou a nossa viagem a Santarém e assim termina este livro.

Tenho visto alguma coisa do mundo e apontado alguma coisa do que vi. De todas quantas viagens, porém, fiz, as que mais me interessaram sempre foram as viagens na minha terra.

Se assim o pensares, leitor benévolo – quem sabe? - , pode ser que eu tome outra vez o bordão de romeiro e vá peregrinando por esse Portugal fora, em busca de histórias para te contar.

Nos caminhos de ferro dos barões é que eu juro não andar.

Escusada é a jura, porém.

Se as estradas fossem de papel, fã-las-iam, não digo que não.

Mas de metal!

Que tenha o governo juízo; que as faça de pedra, que pode; e viajaremos, com muito prazer e com muita utilidade e proveito, na nossa boa terra. (capítulo último)

Texto crítico

A estrutura da sociedade garrettiana percebe-se claramente na construção de *Viagens na Minha Terra*: encontrando ou fazendo amigos no seio do povo ou numa aristocracia esclarecida, o poeta troca ideias e impressões, comenta os acontecimentos, critica a situação política com uma ironia chicoteante; esta estrutura é dominada, finalmente, pela narrativa, que ocupa uma grande parte do livro, romance dentro do romance.

É preciso, porém, chegar ao capítulo X para entrar neste romance subtil, encruzilhada de significações, espécie de autobiografia vista do interior e retrato de uma revolução social, se o considerarmos de fora. Tanto de um lado como de outro, é um documento doloroso.

FRANÇA, José-Augusto. *O romantismo em Portugal*. 3ªed. Lisboa: Horizonte, 1999. pp.113-114.

Questões de análise

- 1- Como a estrutura das *Viagens* de Garrett demonstra essa “encruzilhada de significações” de que fala Jose-Augusto França.
- 2- Por que é dito que a linguagem utilizada nas “*Viagens*” é um marco da moderna prosa literária portuguesa?
- 3- O narrador, ao questionar a todo momento sua narrativa, faz claramente a crítica da literatura de sua época e a problematização da criação literária por meio da ironia e da sátira. Comente essa afirmação com elementos retirados dos fragmentos literários acima.

CESÁRIO VERDE

Contrariedades / Nevroses

Eu hoje estou cruel, frenético, exigente;
 Nem posso tolerar os livros mais bizarros.
 Incrível! Já fumei três maços de cigarros
 E agrado a pouca gente.

Dói-me a cabeça. Abafo uns desesperos mudos:
 Tanta depravação nos usos, nos costumes!
 Amo, insensatamente, os ácidos, os gumes
 E os ângulos agudos.

Sentei-me à secretária. Ali defronte mora
 Uma infeliz, sem peito, os dois pulmões doentes;
 Sofre de faltas de ar, morreram-lhe os parentes
 E engoma para fora.

Pobre esqueleto branco entre as nevadas roupas!
 Tão lívida! O doutor deixou-a. Mortifica.
 Lidando sempre! E deve conta à botica!
 Mal ganha para sopas...

O obstáculo estimula, torna-nos perversos;
 Agora sinto-me eu cheio de raivas frias,
 Por causa dum jornal me rejeitar, há dias,
 Um folhetim de versos.

Que mau humor! Rasguei uma epopeia morta
 No fundo da gaveta. O que produz o estudo?
 Mais uma redacção, das que elogiam tudo,
 Me tem fechado a porta.

A crítica segundo o método de Taine
 Ignoram-na. Juntei numa fogueira imensa

Muitíssimos papéis inéditos. A Imprensa
Vale um desdém solene.

Com raras excepções, merece-me o epigrama.
Deu meia-noite; e a paz pela calçada abaixo,
Um sol-e-dó. Chuvisca. O populacho
Diverte-se na lama.

Eu nunca dediquei composições nenhuma,
Senão, por deferência, a amigos ou a artistas.
Independente! Só por isso os jornalistas
Me negam as colunas.

Receiam que o assinante ingénuo os abandone,
Se forem publicar tais coisas, tais autores.
Arte? Não lhes convém, visto que os seus leitores
Deliram por Zaccone.

Um prosador qualquer desfruta fama honrosa,
Obtém dinheiro, arranja a sua "coterie";
E a mim, não há questão que mais me contrarie
Do que escrever em prosa.

A adulação repugna aos sentimento finos;
Eu raramente falo aos nossos literatos,
E apuro-me em lançar originais e exactos,
Os meus alexandrinos...

E a tísica? Fechada, e com o ferro aceso!
Ignora que a asfixia a combustão das brasas,
Não foge do estendal que lhe humedece as casas,
E fina-se ao desprezo!

Mantém-se a chá e pão! Chama por ela a cova.

Esvai-se; e todavia, à tarde, fracamente,
Oiço-a cantarolar uma canção plangente
Duma opereta nova!

Perfeitamente. Vou findar sem azedume.
Quem sabe se depois, eu rico e noutros climas,
Conseguirei reler essas antigas rimas,
Impressas em volume?

Nas letras eu conheço um campo de manobras;
Emprega-se a "réclame", a intriga, o anúncio, a "blague",
E esta poesia pede um editor que pague
Todas as minhas obras...

E estou melhor; passou-me a cólera. E a vizinha?
A pobre engomadeira ir-se-á deitar sem ceia?
Vejo-lhe a luz no quarto. Inda trabalha. É feia...
Que vida! Coitadinha!

Porto, O Porto, 18 de Março de 1876.

OBS: há versão com diferenças publicada na edição de Silva Pinto.

Texto crítico

Num contexto às portas do Ultimatum, o que faz de Cesário um poeta apaixonante é o seu jeito de ser apaixonadamente moderno. Em versos crus e exigentes, exacerba-se a consciência de ser o trabalho o articulador das estruturas sociais. Na cidade, a escrita dos poemas sobre a cidade é uma forma literal e simbólica de refletir sobre o novo valor da literatura na economia do mercado da época, numa cultura em que o menor dos seus paradoxos não estava no fato de ser colonialista e periférica. Cesário erra pela cidade, pergunta e aprende (a “novidade” agora!) que nenhum grande relato virá em seu socorro. A aprendizagem errante pela “Babel tão velha

e corruptora” (“A débil”) chega também ao campo que, depois da emigração em massa, não poderá jamais ser o mesmo. [...].

SILVEIRA, Jorge Fernandes da. *Verso com verso*. Coimbra: Angelus Novus, 2003. p.155.

Questões de análise

- 1- Discuta no poema acima a idéia de ser “o trabalho o articulador das estruturas sociais.”
- 2- Destaque na linguagem do poema o “jeito moderno” de Cesário Verde.
- 3- O poeta, atento ao mundo que o rodeia, aos detalhes mais comezinhos e anti-líricos do cotidiano, constrói uma escrita lúcida e altamente crítica da sociedade de seu tempo. Desenvolva essa afirmação com elementos do poema acima transcrito e outros lidos durante o curso.

FERNANDO PESSOA

(poema sexto – Parte II Os Castelos, de Mensagem)

Na noite escreve um seu Cantar de Amigo
O plantador de naus a haver,
E houve um silêncio múrmuro consigo:
É o rumor dos pinhais que, como um trigo
De império, ondulam sem se poder ver.

Arroio, esse cantar, jovem e puro,
busca o oceano por achar;
É a fala dos pinhais, marulho obscuro,
É o som presente desse mar futuro,
É a voz da terra ansiando pelo mar.

AUTOPSICOGRAFIA

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama o coração.

ISTO

Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou inda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio,
Sério do que não é.
Sentir? Sinta quem lê!

PESSOA, Fernando. Obra poética. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1981.

Textos críticos

[...] Assim, para Caeiro, a objetividade das sensações, aderindo de tal modo às coisas que delas elimina qualquer resquício de subjetividade, aparece à primeira vista como “totalmente não poética”. Acontece, porém, que é dessa matéria não-poética que ele constrói precisamente os seus poemas. O segredo de Caeiro consiste, no fundo, em extrair a sua poesia da ausência de “poesia”, através de uma linguagem direta e natural. [...] O prosaísmo é, numa

palavra, para Caeiro, o signo perfeito do poético. Para ele, rigorosamente, poesia e prosa são sinônimos [...].

SEABRA, José Augusto. *Fernando Pessoa ou o poetodrama*. São Paulo: Perspectiva, 1974. pp. 99-100.

[...] Com efeito, o texto interpela o leitor de uma forma directa, obrigando-o a identificar-se com essa cena subjectiva, e a projectar-se nesse *tu* a quem é exigida uma resposta. O leitor é, então, uma figura necessária nessa cena inconsciente, aí figurando como o único elemento capaz de *esclarecer* o mundo não visível do poema e de conferir uma *presença real* ao sujeito poético. [...]

JÚDICE, Nuno. As máscaras do poema. Lisboa: Aríon, 1998. p. 34.

Questões de análise

- 1- O *drama em gente* pessoano é um drama na linguagem. Desenvolva a afirmação.
- 2- Qual é a relação com a linguagem defendida por Caeiro?
- 3- A partir do que afirma Nuno Júdice, em citação acima, discuta os poemas *Autopsicografia* e *Isto*.

CARLOS DE OLIVEIRA
Casa na Duna

Fragmento I

Na gândara há aldeolas ermas, esquecidas entre pinhais, no fim do mundo. Nelas vivem homens semeando e colhendo, quando o estio poupa as espigas e o inverno não desaba em chuva e lama. Porque então são ramagens torcidas, barrancos, solidão, naquelas terras pobres.

Ao fundo dum desses sítios, há uma pequena lagoa que o calor de julho seca. A aldeia chama-se Corrocovo e a lagoa nem sequer tem nome. Quando a água se escoia, a concha gretada está coberta de bunho. As mulheres ceifam-nos, estendem-no ao sol, e entraçam esteiras que vão vender às feiras da vila de Corgos.

Mariano Paulo e os amigos descem da quinta, caçam ali os patos bravos, quando o outono os leva de passagem para as terras quentes do sul. O charco espalha sezões nos casebres á borda de água e agasalha as aves para os senhores da aldeia derrubarem a tiro. Aves com frio, caçadas crepusculares. (cap. I, *Casa na Duna*, 1.ed é de 1943)

OLIVEIRA, Carlos. *Obras de*. Lisboa: Caminho, 1992.

Fragmento II

Soneto, de *Cantata*

Rudes e breves as palavras pesam
 mais do que as lajes ou a vida, tanto,
 que levantar a torre do meu canto
 é recriar o mundo pedra a pedra;
 mina obscura e insondável, quis
 acender-te o granito das estrelas
 e nestes versos repetir com elas

o milagre das velhas pederneiras;
 mas as pedras do fogo transformei-as
 nas lousas cegas, áridas, da morte,
 o dicionário que me coube em sorte
 folhee-i-o ao rumor do sofrimento:
 ó palavras de ferro, ainda sonho
 dar-vos a leve têmpera do vento.

Fragmento III

Poema VI, de *Micropaisagem*

Algures
 o poema sonha
 o arquétipo
 do voo
 inutilmente
 porque repete
 apenas
 o signo, o desenho
 do outono
 aéreo
 onde se perde a ave
 quando vier
 o instante
 de voar.

OLIVEIRA, Carlos. *Obras de*. Lisboa: Caminho, 1992

Texto crítico

Parece-me, porém, evidente o muito de camoniano que existe na tradição poética seguida por Carlos de Oliveira; a sua poesia estabelece um diálogo, quer com a lírica de Camões (a tristeza, nomeadamente, é também uma pedra de base da temática camoniana), quer com o lado da épica que se refere à “austera e vil tristeza” do Portugal contemporâneo de Camões, um Portugal à beira do precipício, como o de Carlos de Oliveira.

[...]

Não existe, provavelmente, na literatura portuguesa do século XX, um outro caso de tão cerrada disciplina estilística – quero dizer, uma outra obra em que a precisão da linguagem seja tão ostensiva, as fronteiras de um universo literário delineadas com tanto rigor. Disciplina, precisão, rigor: palavras que Carlos de Oliveira reconheceria como directrizes do seu *trabalho poético*.

CRUZ, Gastão. *A poesia portuguesa hoje*. 2.ed. corr. e aum. Lisboa: Relógio d'Água, 1999.

Questões de análise

- 1- Examine a linguagem de Carlos de Oliveira e aponte suas principais marcas na narrativa e na lírica, considerando a questão de referência ao real.
- 2- Discuta a afirmação acima de Gastão Cruz sobre a relação possível entre Camões e Carlos de Oliveira.

JOSÉ CARDOSO PIRES

O Delfim

Fragmento I

Cá estou. Precisamente no mesmo quarto onde, faz hoje um ano, me instalei na minha primeira visita à aldeia e onde, com divertimento e curiosidade, fui anotando as minhas conversas com Tomás Manuel da Palma Bravo, o Engenheiro.

Repare-se que tenho a mão direita pousada num livro antigo – *Monografia do Termo da Gafeira* – ou seja, que tenho a mão sobre a palavra veneranda de certo abade que, entre mil setecentos e noventa, mil oitocentos e um, decifrou o passado deste território. É nele que penso também – nisto tudo, na aldeia, nos montes em redor e, nos seres que a habitam e que formigam lá em baixo, por entre casas, quelhas e penedos, à distância de um primeiro andar. Sou visitante de pé (e em corpo inteiro, como numa fotografia de álbum), um Autor apoiado na lição do mestre. (abertura da narrativa *O Delfim*)

Fragmento II

Neste ponto, desenha-se-me, muito clara, uma frase de Tomás Manuel que anotei (ou não é questão de procurar) no meu caderno: “*Se até agora foi a minha família quem governou a lagoa, não hei-de ser eu quem a vai perder.*” Saberia disso a estalajadeira recatada? Tudo leva a crer que sim, e que sem perder a sua comovida serenidade pegasse nessa sentença (nessa declaração de princípios, para ser mais exacto) e se alongasse na explicação dos cegos caprichos que levaram o Engenheiro à perdição. Faria comparações com o passado, invocaria os oito fidalgos de bom coração (a bíblia do Dom Abade está para ela na proporção em que o friso dos fantasmas populares está para o escudeiro) e o seu comentário sairia perfeito, exemplar, retocado de clemência. Imitando-lhe o estilo:

“Esses ditos, senhor escritor, já vinham do pai dele, que era pessoa geniosa mas muito dada, e do avô Dom Tomás, que com poucas falas fazia tremer os doutores. O Engenheiro respeitava-os muito. MUITÍSSIMO. Mas (*e aqui baixar o tom de voz*), todos os caprichos que ele tinha no que tocava à Casa da Lagoa era para um dia figurar nos livros ao lado dos antepassados. Acredite, senhor. Cá por mim, os tais ditos não tinham outro motivo. Cuido que se sentia mais perto dos avós quando os empregava, faço-me compreender? (*Pausa, durante a qual afaga tristemente o vestido nos joelhos.*) Cometeu erros, não digo menos. Fez muita e muita estroinice, e sem necessidade. Ma se gastou uma fortuna com guardas e com a lagoa, a intenção não era má. Nisto de honrar os defuntos entendo que todos os exageros são desculpáveis.” ” (cap. III, p.18)

Fragmento III

Silêncio a seguir: uma esposa que faz malha, um Engenheiro anfitrião que bebe, rolando o copo nos dedos. Situação pouco agradável para um visitante, se não fosse o whisky velho que o acompanha e a não menos velha curiosidade que nunca abandona o contador de histórias esteja onde estiver. Colecionador de casos, furão incorrigível, actor que escolhe o segundo plano, convencido de que controla a cena, deixa-me rir. Rir com mágoa, porque todos os contadores de histórias, por vício ou por profissão, merecem a sua gargalhada quando julgam que controlam a cena. E quem os trama é o papel, espaço branco que amedronta – e aí, adeus suficiência. Não há boa memória nem gramática que os salve. Aposto que Xenofonte, apesar de patrono dos escritores caçadores, foi muito melhor furão em campo aberto do que no papiro. (cap. V, p. 32)

PIRES, José Cardoso. *O delfim*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

Textos teórico-críticos

- 1- “Toda escrita é colagem e glosa, citação e comentário” (COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*, p.29)
- 2- [...] o acto de escrever é também em si mesmo uma leitura, uma leitura solitária, e daí que cada romancista se possa definir pelo tipo de “leitor ideal” com que vai dialogando enquanto redige. Está nisso todo um jogo dialéctico e não uma simples acção de empatia. Será um desdobramento, se quisermos: uma recusa constante de identificação com o personagem de forma a que a voz interior dele e a do autor se realizem em paralelo e vão ao mundo, à vida. Por essa razão é que eu acho que o “estilo” de cada autor se pode avaliar pelo seu conceito do leitor a quem se dirige, ou seja, pela exigência que faz dele e de seu instinto. [...] PIRES, José Cardoso. *E agora, José?*. 2.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1999.
- 3- Mas contar o quê? Contar a história, evidentemente. Mas, sobretudo, contar o modo como a história se conta, ou melhor, o modo como a história se revela, e, ao revelar-se, se oculta, e, ao retrair-se, nos atrai, e, ao atrair-nos, nos distrai da revelação essencial. Porque a história nunca está presente, reduzida a uma verdade submissa e fixa.

COELHO, Eduardo Prado. Introdução a *O Delfim*, de José Cardoso Pires. Lisboa: Dom Quixote, 1993. p. 11.

Questões de análise

- 1- “Contar o modo como a história se conta”. Desenvolva essa ideia considerando a estrutura narrativa de *O Delfim*.
- 2- A intertextualidade é prática fundamental em *O Delfim*. Comprove essa afirmação, analisando os textos que se cruzam na enunciação do romance.

3- Qual a relação entre escrita – História – versões do real no caso de O Delfim?

JOSÉ SARAMAGO

Fragmento I

“Difícilimo acto é o de escrever, responsabilidade das maiores, basta pensar no extenuante trabalho que será dispor por ordem temporal os acontecimentos, primeiro este, depois aquele, ou, se tal mais convém às necessidades do efeito, o sucesso de hoje posto antes do episódio de ontem, e outras não menos arriscadas acrobacias, o passado como se tivesse sido agora, o presente como um contínuo sem presente nem fim, mas, por muito que se esforcem os autores, uma habilidade não podem cometer, pôr por escrito, no mesmo tempo, dois casos no mesmo tempo acontecidos. Há quem julgue que a dificuldade fica resolvida dividindo a página em duas colunas, lado a lado, mas o ardil é ingénuo, porque primeiro se escreveu uma e só depois a outra, sem esquecer que o leitor terá de ler primeiro esta e depois aquela, ou vice-versa, quem está bem são os cantores de ópera, cada um com a sua parte nos concertantes, três quatro cinco seis entre tenores baixos sopranos e barítonos, todos a cantar palavras diferentes, por exemplo, o cínico escarnecendo, a ingénua suplicando, o galã tardo em acudir, ao espectador o que lhe interessa é a música, já o leitor não é assim, quer tudo explicado, sílaba por sílaba e uma após outra, como aqui se mostram. [...]”

SARAMAGO, José. *A jangada de pedra*. Lisboa: Caminho, 1986. p. 14.

Fragmento II

Prometo, pela minha palavra real, que farei construir um convento de franciscanos na vila de Mafra se a rainha me der um filho no prazo de um ano a contar deste dia em que estamos, e todos disseram, Deus ouça vossa majestade, e ninguém ali sabia quem iria ser posto à prova, se o mesmo Deus, se a virtude de frei António, se a potência do rei, ou, finalmente, a fertilidade dificultosa da rainha.”

SARAMAGO, José. *Memorial do convento*. São Paulo: Difel, 1983, p. 14.

Fragmento III

(...) só os Lusíadas comportam para cima de oito mil versos, e no entanto este também é poeta, não que do título se gabe, como se pode verificar no registro do hotel, mas um dia não será como médico que pensarão nele, nem em Álvaro como engenheiro naval, nem em Fernando como correspondente de línguas estrangeiras, dá-nos o ofício o pão, é verdade, porém não virá daí a fama, sim de ter alguma vez escrito, Nel mezzo del camin di nostra vita, ou, Menina e moça me levaram da casa de meus pais, ou, En un lugar de la Mancha, de cuyo nombre no quiero acordarme, para não cair uma vez mais na tentação de repetir, ainda que muito a propósito, As armas e os barões assinalados, perdoadas nos sejam as repetições, Arma virunque cano.[...]”

SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 71

Textos teóricos

- 1- Toda leitura é necessariamente intertextual, pois, ao ler, estabelecemos associações desse texto do momento com outros já lidos. Essa associação é livre e independente do comando de consciência do leitor, assim como pode ser independente da intenção do autor. Os textos, por isso, são lidos de diversas maneiras, num processo de produção de sentido que depende do repertório textual de cada leitor, em seu momento de leitura.

Graça Paulino e outros. *Intertextualidades – teoria e prática*. Belo Horizonte: Lê, 1995, p. 54.

- 2- [...] Mas nenhuma dessas nações, ou antes, culturas-nações, convive com o passado como a nossa. Simbolicamente, nenhum povo vive no passado – em particular naquele a que nós devemos o nosso perfil singular – como Portugal. Vamos acabar este milénio, que é quase o da nossa vida de nação autónoma, e entrar no próximo, revisitando e reanimando esse Passado a bordo da mesma nau da Índia e dos mares que tivemos de atravessar para lá chegarmos. Eduardo Lourenço. *Nós como futuro*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1997. p. 19.
- 3- “O texto de Saramago apontaria, então, para uma ‘nova história’ de portugueses (e não mais de Portugal), apresentada, agora, com roupagem literária, pela óptica desse poeta/historiador que enriquece o dito com a especificidade própria da literatura.”
SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. *José Saramago; entre a história e a ficção: uma saga de portugueses*. Lisboa: Dom Quixote, 1989, p. 28

Questões de análise

- 1- A metalinguagem domina a escrita de Saramago com diferentes efeitos. Discuta a afirmação com a leitura de suas narrativas.
- 2- Os romances de José Saramago dialogam com a História e com a Literatura, de forma crítica. Desenvolva essa idéia.
- 3- Em *O ano da morte de Ricardo Reis*, temos a todo tempo, Pessoa e Camões contrapostos. Que leitura crítica vc. pode construir a respeito dessa escolha do escritor português José Saramago?

MARIA GABRIELA LLANSOL

Fragmento I

O texto, lugar que viaja

O texto é a mais curta distância entre dois pontos.

Porque falamos, pensamos em novelo, e sentimos um emaranhado no estômago ou no coração. A palavra novela é a fuga a esta dor. Picada rápida, ou encontro breve.

Não é porque as palavras estão deitadas por ordem no dicionário que imaginamos o texto liso, e sem relevo. Nós sentimos que as palavras têm normalmente a forma de esponja embebida ou, se se quiser, o relevo de pequenas rochas com faces pontiaguadas e reentrâncias ali deixadas pela erosão.

Se se tirasse uma fotografia aérea a um livro gigante, confundi-lo-íamos com a imagem circular de uma cidade que se defende.

O acesso ao livro é imediato. Só depois, já nele, principia o extravio. São João da Cruz diz melhor: “Chegaremos aonde não sabemos por caminhos que não sabemos.” (p.144-145)

LLANSOL, Maria Gabriela. *Um falcão no punho* – diário 1. Lisboa: Rolim, 1985.

Fragmento II

Queria desfazer o nó que liga, na literatura portuguesa, a água e os seus maiores textos. Mas esse nó é muito forte, um paradigma frontalmente inatacável. (idem, p.32)

Questões de análise

- 1- Llansol é autora de livros “inclassificáveis” onde ocorrem “outras viagens” pela escrita. A partir do fragmento acima, discuta o porquê dessa afirmação.
- 2- Considerando todos os fragmentos lidos até o momento nesta recolha, discuta o fragmento II acima.

JORGE DE SENA

A Portugal

Esta é a ditosa pátria minha amada. Não.

Nem é ditosa, porque o não merece.

Nem minha amada, porque é só madrastra.

Nem pátria minha, porque eu não mereço

A pouca sorte de ter nascido nela.

Nada me prende ou liga a uma baixeza tanta quanto esse arroto de passadas glórias.

Amigos meus mais caros tenho nela, saudosamente nela, mas amigos são por serem meus amigos, e mais nada.

Torpe dejecto de romano império;
babugem de invasões; salsugem porca
de esgoto atlântico; irrisória face
de lama, de cobiça, e de vileza,
de mesquinhez, de fatua ignorância;
terra de escravos, cu pró ar ouvindo
ranger no nevoeiro a nau do Encoberto;
terra de funcionários e de prostitutas,
devotos todos do milagre, castos

nas horas vagas de doença oculta;
 terra de heróis a peso de ouro e sangue,
 e santos com balcão de secos e molhados
 no fundo da virtude; terra triste
 à luz do sol calada, arrebicada, pulha,
 cheia de afáveis para os estrangeiros
 que deixam moedas e transportam pulgas,
 oh pulgas lusitanas, pela Europa;
 terra de monumentos em que o povo
 assina a merda o seu anonimato;
 terra-museu em que se vive ainda,
 com porcos pela rua, em casas celtiberas;
 terra de poetas tão sentimentais
 que o cheiro de um sovaco os põe em transe;
 terra de pedras esburgadas, secas
 como esses sentimentos de oito séculos
 de roubos e padrões, barões ou condes;
 ó terra de ninguém, ninguém, ninguém:
 eu te pertenço.
 És cabra, és badalhoca,
 és mais que cachorra pelo cio,
 és peste e fome e guerra e dor de coração.
 Eu te pertenço mas seres minha, não

SENA, Jorge. *40 anos de servidão*. Lisboa: Edições 70, 1989.

CARTA A MEUS FILHOS

Os Fuzilamentos de Goya

Não sei, meus filhos, que mundo será o vosso.
 É possível, porque tudo é possível, que ele seja
 aquele que eu desejo para vós. Um simples mundo,
 onde tudo tenha apenas a dificuldade que advém

de nada haver que não seja simples e natural.
 Um mundo em que tudo seja permitido,
 conforme o vosso gosto, o vosso anseio, o vosso prazer,
 o vosso respeito pelos outros, o respeito dos outros por vós.
 E é possível que não seja isto, nem seja sequer isto
 o que vos interesse para viver. Tudo é possível,
 ainda quando lutemos, como devemos lutar,
 por quanto nos pareça a liberdade e a justiça,
 ou mais que qualquer delas uma fiel
 dedicação à honra de estar vivo.
 Um dia sabereis que mais que a humanidade
 não tem conta o número dos que pensaram assim,
 amaram o seu semelhante no que ele tinha de único,
 de insólito, de livre, de diferente,
 e foram sacrificados, torturados, espancados,
 e entregues hipocritamente à secular justiça,
 para que os liquidasse «com suma piedade e sem efusão de
 [sangue.]]
 Por serem fiéis a um deus, a um pensamento,
 a uma pátria, uma esperança, ou muito apenas
 à fome irresponsável que lhes roía as entranhas,
 foram estripados, esfolados, queimados, gaseados,
 e os seus corpos amontoados tão anonimamente quanto haviam
 [vivido,
 ou suas cinzas dispersas para que delas não restasse memória.
 Às vezes, por serem de uma raça, outras
 por serem de urna classe, expiaram todos
 s erros que não tinham cometido ou não tinham consciência
 de haver cometido. Mas também aconteceu
 e acontece que não foram mortos.
 Houve sempre infinitas maneiras de prevalecer,
 aniquilando mansamente, delicadamente,
 por ínvios caminhos quais se diz que são ínvios os de Deus.
 Estes fuzilamentos, este heroísmo, este horror,
 foi uma coisa, entre mil, acontecida em Espanha
 há mais de um século e que por violenta e injusta

ofendeu o coração de um pintor chamado Goya,
 que tinha um coração muito grande, cheio de fúria
 e de amor. Mas isto nada é, meus filhos.
 Apenas um episódio, um episódio breve,
 nesta cadela de que sois um elo (ou não sereis)
 de ferro e de suor e sangue e algum sêmen
 a caminho do mundo que vos sonho.
 Acreditai que nenhum mundo, que nada nem ninguém
 vale mais que uma vida ou a alegria de tê-la.
 É isto o que mais importa - essa alegria.
 Acreditai que a dignidade em que hão-de falar-vos tanto
 não é senão essa alegria que vemos
 de estar-se vivo e sabendo que nenhuma vez alguém
 está menos vivo ou sofre ou morre
 para que um só de vós resista um pouco mais
 à morte que é de todos e virá.
 Que tudo isto sabereis serenamente,
 sem culpas a ninguém, sem terror, sem ambição,
 e sobretudo sem desapego ou indiferença,
 ardentemente espero. Tanto sangue,
 tanta dor, tanta angústia, um dia
 - mesmo que o tédio de um mundo feliz vos persiga -
 não hão-de ser em vão. Confesso que
 muitas vezes, pensando no horror de tantos séculos
 de opressão e crueldade, hesito por momentos
 e uma amargura me submerge inconsolável.
 Serão ou não em vão? Mas, mesmo que o não sejam,
 quem ressuscita esses milhões, quem restitui
 não só a vida, mas tudo o que lhes foi tirado?
 Nenhum Juízo Final, meus filhos, pode dar-lhes
 aquele instante que não viveram, aquele objecto
 que não fruíram, aquele gesto
 de amor, que fariam «amanhã».
 E, por isso, o mesmo mundo que criemos
 nos cumpre tê-lo com cuidado, como coisa
 que não é nossa, que nos é cedida

para a guardarmos respeitosamente
 em memória do sangue que nos corre nas veias,
 da nossa carne que foi outra, do amor que
 outros não amaram porque lho roubaram.

SENA, Jorge de. Poesia II. Lisboa: Edições 70, 1988.

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

PÁTRIA

Por um país de pedra e vento duro
 Por um país de luz perfeita e clara
 Pelo negro da terra e pelo branco do muro

Pelos rostos de silêncio e de paciência
 Que a miséria longamente desenhou
 Rente aos ossos com toda a exactidão
 Dum longo relatório irrecusável
 E pelos rostos iguais ao sol e ao vento

E pela limpidez das tão amadas
 Palavras sempre ditas com paixão
 Pela cor e pelo peso das palavras
 Pelo concreto silêncio limpo das palavras
 Onde se erguem as coisas nomeadas
 Pela nudez das palavras deslumbradas

- Pedra rio vento casa
 Pranto dia canto alento
 Espaço raiz e água
 Ó minha pátria e meu centro

Me dói a lua me soluça o mar
E o exílio se inscreve em pleno tempo

(*Livro Sexto*, 1962)

Texto crítico

Como um processo testemunhal sempre entendi a poesia, cuja melhor arte consistirá em dar expressão ao que o mundo (o dentro e o fora) nos vai revelando, não apenas de outros mundos simultânea e idealmente possíveis, mas, principalmente, de outros que a nossa vontade de dignidade humana deseja convocar a que o sejam de facto. Testemunhar do que, em nós e através de nós, se transforma, e por isso ser capaz de compreender tudo, de reconhecer a função positiva ou negativa (mas função) de tudo [...]

SENA, Jorge. Prefácio da primeira edição. In: *Poesia I*. Lisboa: Edições 70, 1988.

Questão de análise

Jorge de Sena defendeu em famoso prefácio uma “poética do testemunho”. Como isso se realiza em seu poema e no de Sophia de M.B. Andresen acima transcritos?

FIAMA HASSE P. BRANDÃO

Grafia 1

Água significa ave

se

a sílaba é uma pedra álgida
sobre o equilíbrio dos olhos

se

as palavras são densas de sangue
e despem objectos

se

o tamanho deste vento é triângulo na água
o tamanho da ave é rio demorado

onde

as mãos derrubam arestas
a palavra principia.

BRANDÃO, Fiama Hasse Pais. *O texto de João Zorro*. Porto: Inova, 1974.

Texto teórico

O real não se pode desprender da nossa própria interrogação sobre ele. Se a poesia moderna é uma experiência da palavra, é, também, concomitantemente, uma experiência da realidade. Por isso, a génese da palavra poética é o encontro do corpo e da palavra, das pulsões e das imagens da materialidade e do espírito. É assim que o poeta reconhece o outro em si, sem fantasia, sem qualquer preceito abstracto, sem nenhum princípio ideológico. o poema será então o seu próprio objecto no movimento da sua autónoma impulsão, a sua própria reflexão na liberdade perceptiva da sua espontaneidade e isto até ao extremo da perda das relações referenciais. Nesta autonomia radical dir-se-ia que a linguagem poética perde o contacto com o mundo ou a sua relação ontológica. Mas nem por isso o poema deixa de ser permeável às energias que, através do corpo, impulsionam a palavra. (António Ramos Rosa, no ensaio *A Relação Poética na Poesia Moderna*, in *Revista A Phala* – edição especial. Lisboa: Assírio & Alvim, 1988, p. 189.)

Questões de análise

- 1- Qual a hipótese fundamental presente no poema de Fíama?
- 2- Discuta a relação palavra poética – subjetividade – objetividade.

RUY BELO

LUGAR ONDE

Neste país sem olhos e sem boca
hábito dos rios castanheiros costumados
país palavra húmida e translúcida
palavra tensa e densa com certa espessura
(pátria, de palavra apenas tem a superfície)

os comboios são mansos têm dorsos alvos
engolem povoados limpamente
tiram gente daqui põem-na ali
retalham os campos congregam-se
dividem-se nas várias direcções
e os homens dão-lhes boas digestões:
cordeiros de metal ou talvez grilos
que mãe aperta ao peito os filhos ao ouvi-los?
Neste país do espaço raso do silêncio e solidão
solidão da vidraça solidão da chuva
país natal dos barcos e do mar
do preto como cor profissional
dos templos onde devoção se multiplica em luzes
do natal que há no mar póvoa de varzim
país do sino objecto inútil
única coisa a mais sobre estes dias
Aqui é que eu coisa feita de dias única razão
vou polindo o poema sensação de segurança
com a saúde de um grito ao sol
combalido tiritito imito a dor
de se poder estar só e haver casas
cuidados mastigados coisas sérias
o bafo sobre o aço como o vento na água
Pais poema homem

matéria para mais esquecimento
do fundo deste dia solitário e triste
após as sucessivas quebras de calor
antes da morte pequenina celular e muito pessoal
natural como descer da camioneta ao fim da rua
neste país sem olhos e sem boca

BELO, Ruy. País Possível. Lisboa: Presença, 1998.

MANUEL ALEGRE

AS PALAVRAS

Palavras tantas vezes perseguidas
palavras tantas vezes violadas
que não sabem cantar ajoelhadas
que não se rendem mesmo se feridas.

Palavras tantas vezes proibidas
e no entanto as únicas espadas
que ferem sempre mesmo se quebradas
vencedoras ainda que vencidas.

Palavras por quem eu já fui cativo
na língua de Camões vos querem escravas
palavras com que canto e onde estou vivo.

Mas se tudo nos levam isto nos resta:
estamos de pé dentro de vós palavras.
Nem outra glória há maior do que esta.

ALEGRE, Manuel. *O canto e as armas*. Lisboa: Dom Quixote, 1989

Coisa Amar

Contar-te longamente as perigosas
coisas do mar. Contar-te o amor ardente
e as ilhas que só há no verbo amar.
Contar-te longamente longamente.

Amor ardente. Amor ardente. E mar.
Contar-te longamente as misteriosas
maravilhas do verbo navegar.
E mar. Amar: as coisas perigosas.

Contar-te longamente que já foi
Num tempo doce coisa amar. E mar.
Contar-te longamente como dói

desembarcar nas ilhas misteriosas.
Contar-te o mar ardente e o verbo amar.
E longamente as coisas perigosas.

ALEGRE, Manuel. *Coisa Amar, Coisas do Mar, Perspectivas e Realidades*, 1976

Texto teórico

Podemos concluir que o poema é histórico de duas maneiras: a primeira, como produto social; a segunda, como criação que transcende o histórico, mas que, para ser efetivamente, precisa se encarnar de novo na história e se repetir entre os homens. [...]

O poeta consagra sempre uma experiência histórica, que pode ser pessoal, social ou ambas as coisas ao mesmo tempo. Mas, ao nos falar de todos esses sucessos, sentimentos, experiências e pessoas, o poeta nos fala de outra coisa: do que está fazendo, do que está sendo diante de nós e em nós. Mais ainda: leva-nos a repetir, a recriar seu

poema, a nomear aquilo que ele nomeia; e ao fazê-lo, revela-nos o que somos. [...]

Todo poema, qualquer que seja sua índole – lírica, épica ou dramática – manifesta um modo peculiar de ser histórico. Mas, para apreender realmente essa singularidade, não basta enunciá-la na forma abstrata pela qual o fizemos até agora, e sim nos aproximarmos do poema em sua realidade histórica e ver de maneira mais concreta qual é a sua função dentro de uma determinada sociedade. [...]

PAZ, Otavio. Poesia e história. In: *O arco e a lira*. 2ªed. bras. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. (O original é de 1956). p. 225-283.

Questões de análise

- 1- Nos poemas acima, podemos ler a “vibração da história”. Que visão crítica os dois poetas assumem?
- 2- Discuta a relação país – poema – homem no contexto da cultura portuguesa das décadas de 60 e 70 do século XX.

BIBLIOGRAFIA GERAL SUGERIDA

1. A PHALA - *UM SÉCULO DE POESIA* (ed. especial). Lisboa: Assírio & Alvim, dez. 1989.
2. ABDALA JR., Benjamin. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais*: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2002.
3. ABDALA JR., Benjamin (org.). *Incertas relações*: Brasil-Portugal no século XX. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.
4. ALVES, Ida M. S. Ferreira; JORGE, Silvio Renato. *A Palavra Silenciada – Estudos de Literatura Portuguesa e Africana*. Niterói: Vício de Leitura, 2001. 252 p.
5. ALVES, Ida Ferreira. Diálogos e confrontos na poesia portuguesa pós-60. *Revista Gragoatá*, n.12. Niterói: EdUFF, 2002. p. 179-195.
6. _____. Deambulações de António Nobre. In: SCARPELLI, Marli Fantini e OLIVEIRA, Paulo Motta (org.). *Os Centenários – Eça de Queirós*, Gilberto Freyre, António Nobre. Belo Horizonte: FALE / UFMG, 2001.
7. _____. De Casas Falemos. In: SILVEIRA, Jorge Fernandes da. *Escrever a casa portuguesa*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999. p. 477-490.
8. _____. Jorge de Sena e as Tensões entre Poesia e História. In: *Revista da ABRAPLIP*. – v.1, n.1. Belo Horizonte: Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa, 1999. p.115-138.
9. ALVES, Maria Theresa Abelha. *Gil Vicente sob o signo da derrisão*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2002.
10. ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
11. BAGANHA, Maria Ioannis. A cada Sul o seu Norte: dinâmicas migratórias em Portugal. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *A globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 133-158.
12. BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
13. BAUMAN, Zygmunt. *Identity*. Oxford: Polity Press, 2004.
14. BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
15. BARTHES, Roland. *O grau zero da escritura*. São Paulo: Cultrix, 1974.
16. _____. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1977
17. _____ et al. *Literatura e realidade (que é realismo)*. Lisboa: Dom Quixote, 1984.
18. _____. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
19. _____. *O grão da voz*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
20. BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos de literatura portuguesa*. Lisboa: : Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985.
21. _____. *Estudos camonianos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
22. _____. *Fernando Pessoa: outra vez te revejo...* Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2004.
23. BERRINI, Beatriz. *Ler Saramago: o romance*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.
24. _____. (Org.) José Saramago: uma homenagem. São Paulo: EDUC/FAPESP, 1999.
25. _____. *Portugal de Eça de Queirós*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984.
26. BERMAN, Marshal. *Tudo o que é sólido se dissolve no ar. A aventura da Modernidade*. Lisboa: Edições 70, 1989.
27. CALVÃO, Dalva. A escrita como alvo: intervenções metalingüísticas em *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago. In: *Anais do XVIII Encontro da ABRAPLIP*. Santa Maria: UFSM, 2003, pp. 219-224.
28. _____. José Cardoso Pires: a arte da ironia nas entrelinhas do diálogo. In: CALVÃO, Dalva e ALVES, Ida (org.). *Anais do III Seminário de Literaturas de Língua Portuguesa: Portugal e África – Entre o riso e a melancolia, de Gil Vicente ao século XXI*. Rio de Janeiro: L.Christiano, 2004, CD-ROM.
29. _____. *Orion*, de Mário Cláudio: ruína e escrita. In: DUARTE, Lélia Parreira (org.). *As máscaras de Perséfone: figurações da morte nas literaturas portuguesa e brasileira contemporâneas*. Rio de Janeiro: Bruxedo; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2006, p. 99-116.
30. _____. Margens do poder, margens do real: *Ursamajor*, de Mário Cláudio. In: HELENA, Lúcia e PIETRANI, Anélia (org.). *Literatura e poder*. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2006, p. 135-143.
31. CASTELO, Cláudia. “*O modo português de estar no mundo*”: o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933 – 1961). Porto: Afrontamento, 1999.
32. CASTRO, Aníbal Pinto. *Camões, poeta pelo mundo em pedaços repartido*. Lisboa: Instituto Camões, 2003.
33. CERDEIRA, Teresa Cristina. *O avesso do bordado*: ensaios de literatura. Lisboa: Caminho, 2000.
34. _____. *José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de portugueses*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.
35. CHALHUB, Samira. *A metalinguagem*. São Paulo: Ática, 1986.
36. CHANDEIGNE, Michel (org.) *Lisboa ultramarina – 1415-1580: a invenção do mundo pelos portugueses*. Rio de Janeiro: Zahar 1992.

37. CIDADE, Hernani. *Luís de Camões – o épico*. Lisboa: Bertrand, 1953.
38. COELHO, Jacinto do Prado. *Problemática da história literária*. Lisboa: Ática, 1961.
39. _____. *A letra e o leitor*. 2. ed. Lisboa: Moraes, 1977.
40. _____. *Camões e Pessoa. Poetas da utopia*. Mem Martins: Europa América, 1983.
41. COELHO, Eduardo Prado. *A palavra sobre a palavra*. Porto: Portucalense, 1972.
42. _____. *O reino flutuante*. Lisboa: Edições 70, 1972.
43. _____. *A letra litoral*. Lisboa: Moraes, 1979.
44. _____. *Os universos da crítica*. Lisboa: Edições 70, 1982.
45. _____. *A noite do mundo*. Lisboa: Instituto Nacional/ Casa da Moeda, 1988.
46. _____. *A mecânica dos fluidos*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984.
47. *CONVERGÊNCIA LUSÍADA* – Revista do Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura. Ano IV, n. 7. Rio de Janeiro: jul./79 a dez./80.
48. CRUZ, Gastão. Sobre poesia portuguesa contemporânea. *Convergência Lusíada* (Rev. do Real Gabinete Português de Leitura). Rio de Janeiro, 14: 124-126, 1997.
49. FERREIRA, Maria Ema Tarracha (org.). *Literatura dos descobrimentos e da expansão portuguesa*. Lisboa: Ulisseia, 1993.
50. FERREIRA, Vergílio et al. *Camões e a identidade nacional*. Lisboa: INCM, 1983.
51. FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
52. GUIMARÃES, Fernando. *Simbolismo, modernismo e vanguardas*. Lisboa: INCM, 1982.
53. GUINSBURG, J. (org.). *Romantismo*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.
54. HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
55. _____. Pensando a diáspora: reflexão sobre a terra no exterior. In: ---. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003.
56. HOBBSAWN, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
57. IANNONE, Carlos Alberto; GOBI, Márcia V. Zamboni e JUNQUEIRA, Renata Soares (org.). *Sobre as naus da iniciação – estudos portugueses de literatura e história*. São Paulo: UNESP, 1998.
58. JENNY, Laurent et al. *Intertextualidades. Poétique*, 27. Coimbra: Almedina, 1979.
59. JORGE, Silvio Renato. Habitantes da fronteira: os portugueses e o mundo. *Convergência lusíada*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, n. 21, p. 300-309, 2005.
60. _____. Portugal e a imagem do império: os (des)caminhos de uma identidade. *Boletim do CESP*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Portugueses da UFMG, vol.20, n.26, p.9-28, jan.-jun. 2000.
61. JÚDICE, Nuno. *Máscaras do poema*. Lisboa: Aríon, 1998.
62. KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
63. LIMA, Isabel Pires de. Em busca de uma nova pátria: o romance de Portugal e de Angola após a descolonização. *Via Atlântica*. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas / USP, n.1, p.128-141, 1997.
64. LIMA, Isabel Pires de. Traços pós-modernos na ficção portuguesa actual. *Semear*. Rio de Janeiro: Cátedra Padre António Vieira, n.4, p.9-28, 2000.
65. LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
66. LOPES, Óscar. *Modo de ler – crítica e interpretação literária / 2*. 2.ed. rev. e acresc. . Porto: Inova, 1972.
67. _____. *Álbum de família – Ensaio sobre autores portugueses do século XIX*. Lisboa: Caminho, 1984.
68. _____. *Os sinais e os sentidos; literatura portuguesa do século XX*. Lisboa: Editorial Caminho, 1986.
69. _____. *Cifras do tempo*. Lisboa: Caminho, 1990.
70. LOURENÇO, António Apolinário. Introdução. In: PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Braga/Coimbra: Ângelus Novus, 1994.
71. LOURENÇO, Eduardo. Do Romantismo como mito aos mitos como Romantismo. In: *Colóquio / Letras*, n. 30, Lisboa, março de 1976, p. 5-12.
72. _____. *A nau de Ícaro*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
73. _____. *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português*. Lisboa: INCM, 1984.
74. _____. *Poesia e metafísica*. Lisboa: Sá da Costa, 1983.
75. _____. *Mitologia da saudade*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
76. _____. *Nós e a Europa ou as duas razões*. 2.ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988.
77. MACEDO, Helder. As *Viagens na minha terra* e *A menina do rouxinóis*. In: *Colóquio / Letras*, n. 51, Lisboa, setembro de 1979.
78. _____. *Camões e a viagem iniciática*. Moraes: Lisboa, 1980.
79. _____. *Nós, uma leitura de Cesário Verde*. 3.ed. Lisboa: D.Quixote, 1986.
80. MARQUES, A H. de Oliveira. *Breve História de Portugal*. Lisboa: Presença, 1996.
81. MEDINA, João. *Eça de Queiroz e a geração de 70*. Lisboa: Moraes, 1980.
82. MOISÉS, Carlos Filipe. *Roteiro de leitura: Mensagem de Fernando Pessoa*. São Paulo, Ática, 1996.
83. OSAKABE, Haquira. *Fernando Pessoa – resposta à decadência*. Curitiba: Criar, 2002.

84. OLIVEIRA, Maria Lúcia Wiltshire de. *De Camões a Saramago, leituras da pátria portuguesa*. Rio de Janeiro: Booklink, 2004.
85. _____. “Enigmas de uma navegação metafórica”. In: *Revista Convergência Lusíada*, RGPL, Rio de Janeiro, v. 11, 1994, p. 46-51
86. _____. “Heróis medievais: padrão e desvios em Eça e Saramago”. In: *Atas do III Encontro Internacional de Estudos Medievais da ABREM*, Rio de Janeiro, Editora Agora da Ilha, 2001, p. 473-478.
87. PERRONE-MOYSÉS, Leyla. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
88. QUADROS, António. *Fernando Pessoa: vida, personalidade e gênio*. Lisboa: D. Quixote, 1992.
89. QUESADO, Clécio. *Labirintos de um livro à beira-mágua (Mensagem de Fernando Pessoa)*. Rio de Janeiro: Elo, 1999
90. RAMOS Jr., José de Paula. *Roteiro de leitura: A ilustre casa de Ramires de Eça de Queirós*. São Paulo: Ática, 1996.
91. REIS, Carlos. *Estatuto e perspectiva do narrador na ficção de Eça de Queirós*. Coimbra: Almedina, 1975
92. *REVISTA OCEANOS*. n.23. Lisboa: julho/setembro de 1995.
93. *REVISTA SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 3, n. 5, 1999.
94. RIBEIRO, António de Sousa. A retórica dos limites: notas sobre o conceito de fronteira. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *A globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 475-501.
95. RIBEIRO, António de Sousa & RAMALHO, Maria Irene. *Entre ser e estar: raízes, percursos e discursos da identidade*. Porto: Afrontamento, 2002.
96. RIBEIRO, Margarida Calafate & FERREIRA, Ana Paula (orgs.). *Fantasmas e fantasias imperiais no imaginário português contemporâneo*. Porto: Campo das Letras, 2003.
97. SAID, Eduard W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
98. _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Sel. Milton Hatoum. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
99. SANCHES, Manuela Ribeiro (org.). *Deslocalizar a Europa: antropologia, arte, literatura e história na pós-colonialidade*. Lisboa: Cotovia, 2005.
100. SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1995.
101. SANTOS, Gilda [org.]. *Colóquio Fernando Pessoa, outra vez te revejo*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2006.
102. SARAIVA, António José e LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. Porto: Editora Porto, 1996.
103. SARAIVA, António José. *Luís de Camões*. Lisboa: Gradiva, 1996.
104. _____. *Estudos sobre a arte d’Os Lusíadas*. Lisboa: Gradiva, 1995.
105. _____. *Para a história da cultura em Portugal*. Lisboa: Bertrand, 1979 (2 v.)
106. _____. *A cultura em Portugal*. Lisboa: Bertrand, 1982.
107. SARAIVA, Hermano. *História concisa de Portugal*. Mira-Sintra – Mem Martins, 1993.
108. SEABRA, José Augusto. *Fernando Pessoa ou o poetodrama*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
109. SENA, Jorge de. *Trinta anos de Camões* (1º v.). Lisboa: Edições 70, 1980
110. SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1976 [capítulos: “Lírica, narrativa e drama” e “O romance”] [há diferentes edições com atualizações desse livro]
111. _____. *Camões: labirintos e fascínios*. Lisboa: Cotovia, 1994.
112. TODOROV, Tzvetan. *O homem desenraizado*. São Paulo: Record, 1999.

Referências bibliográficas dos autores citados nesta Antologia, em ordem alfabética

ALMEIDA GARRETT (1799-1854) – Poeta, ficcionista, dramaturgo, cronista, orador e diplomata, nasceu no Porto, viveu parte de sua infância e juventude nos Açores e formou-se em Direito em Coimbra. Por três vezes esteve exilado em defesa das ideias liberais. É considerado o principal introdutor do Romantismo em Portugal. Suas obras mais citadas são: a narrativa *Viagens na Minha Terra*, o drama *Frei Luís de Sousa* e o livro de poesia *Folhas Caídas*. Sua atuação na sociedade portuguesa do seu tempo foi intensa e deixou-nos importantes textos sobre educação, política e estética.

ANTÓNIO NOBRE (1867/1900) - Poeta português cuja obra se insere nas correntes ultra-romântica, simbolista, decadentista e saudosista da geração finissecular do século XIX português. Frequentou a Escola Livre de Ciências Políticas (École Libre des Sciences Politiques, de Émile Boutmy), de Paris, licenciando-se em Ciências Políticas no ano de 1895. É autor do livro de poesia *Só* (1892), recolha de poemas que se tornaria livro de grande sucesso em Portugal e no Brasil. Conhecido como o poeta do *inho*, seu nome ligar-se-á ao excesso de sentimentalismo, com uma linguagem que explora amplamente o coloquialismo e um imaginário de morte.

CARLOS DE OLIVEIRA (1921/1981) - Nasceu no Pará, Brasil, para onde seus pais portugueses haviam emigrado. Retorna a Portugal aos dois anos de idade e lá construirá sua vida de ficcionista e poeta. Ingressa na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 1941. Os anos 1945 e seguintes serão, para Carlos de Oliveira, bem profícuos quanto à integração e afirmação no

grupo neo-realista, que veicula e luta por um “novo humanismo”, com a participação nas revistas Seara Nova e Vértice. Sua escrita é marcada profundamente pelas imagens da Gândara, região onde seu pai exerceu a medicina e onde cresceu até partir para Coimbra. Nessa cidade universitária, fará a licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas. Mais tarde, partirá para Lisboa, onde passará a viver em definitivo e atuará como escritor compromissado com sua realidade social e literária. Foi escritor rigoroso com sua linguagem, fazendo a reescritura de vários de seus livros editados até 1960. Entre seus títulos, destacam-se: na poesia, *Turismo* (1942), *Sobre o Lado Esquerdo* (1968), *Micropaisagem* (1969), e no romance, *Casa na Duna* (1943), *Uma abelha na Chuva* (1953), *Finisterra* (1978) e *O Aprendiz de Feiticeiro* (1971), livro de crônicas.

CESÁRIO VERDE (1855/1886) – Oriundo de uma família burguesa dedicada ao comércio (loja de ferragens) e a uma quinta (produção de frutas e legumes para exportação) nos arredores de Lisboa, esse poeta dividiu-se entre a vida comercial e a produção literária. Matriculou-se no Curso Superior de Letras em 1873, frequentando-o por apenas alguns meses. Em vida, seus poemas apareceram esparsamente em jornais e revistas da época, sem nenhum reconhecimento. Após sua morte por tuberculose, um amigo fiel, Silva Pinto, editou *O Livro de Cesário Verde* (1887). Podemos afirmar a sua aproximação a várias estéticas. Cesário empregou técnicas impressionistas, com extrema sensibilidade ao retratar a cidade e o campo, seus cenários prediletos. É hoje considerado uma das vozes mais importantes da modernidade lírica portuguesa e o poema “Sentimento dum Ocidental”, uma obra fundamental da poesia portuguesa oitocentista.

EÇA DE QUEIRÓS (1845/1900) - Estudou Direito em Coimbra, num período de alta efervescência cultural, quando se juntou ao grupo que alterou os rumos da arte e da política em Portugal, a famosa *Geração de 70*, liderada por Antero de Quental. Iniciou sua carreira literária com folhetins e, mais tarde, já como administrador do concelho de Leiria, escreveu a sua primeira obra realista, *O crime do Padre Amaro*, publicado em 1875. Como diplomata passou os anos mais produtivos de sua vida literária no exterior (Cuba, Inglaterra e França), onde escreveu sua extensa obra em que se destacam os romances *O primo Basílio* (1878) *A Relíquia* (1887), *Os Maias* (1888), *A ilustre Casa de Ramires* (1900) e *A cidade e as serras* (1901, póstumo), além de contos, intensa correspondência e crônicas. Morreu em Paris. Seus livros foram traduzidos em aproximadamente 20 idiomas. É o grande nome do romance português oitocentista.

FERNANDO PESSOA (1888/1935) - Órfão de pai, acompanhou sua mãe em novo casamento com um diplomata português que servia na África do Sul, de onde retornou para Lisboa, perto dos 18 anos. Sem nunca mais sair de Portugal, e pouco publicar em vida, Pessoa deixará uma obra extensa e múltipla que até hoje mobiliza a atenção de críticos de várias nacionalidades. Foi mentor, junto com Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros, do grupo / Revista **Orpheu** (1915) que se tornaria marco fundamental do primeiro modernismo português. Poeta conhecido pela criação de *heterônimos*, com obras e biografias próprias: Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Alberto Caeiro são três dos mais importantes. Outro semi-heterônimo Bernardo Soares é responsável pelos fragmentos que, na década de 80 do século XX, serão publicados como *O Livro do Desassossego*. A principal obra de Fernando Pessoa, publicada em vida, é **Mensagem** (1934), uma coletânea de poemas sobre grandes personagens históricos portugueses, numa leitura mítica e utópica da questão portuguesa. Sua obra em prosa é também múltipla e extensa. Sem dúvida, é o grande nome da Literatura Portuguesa do século XX. A bibliografia a respeito de sua obra é imensa, atestando o interesse que sua obra tem produzido em diversos ensaístas para além de Portugal.

FERNÃO LOPES (1378/1459) (?) – De biografia pouco conhecida, sabe-se que foi tabelião, Guarda-Mor da Torre do Tombo e cronista nomeado pelo rei D. Duarte (2ª dinastia portuguesa – a de Avis) que o incumbiu de pôr em crônica os feitos dos reis da primeira dinastia (Afonso) de Portugal. De sua obra, chegaram até nós a *Crônica d’El-Rei D. Pedro*, a *Crônica d’El-Rei D. Fernando* e a *Crônica d’El-Rei D. João I* (1ª e 2ª partes). Foi o defensor do chamado “evangelho português” que sustentou ideologicamente a dinastia gloriosa de Avis. Do ponto de vista da forma, o seu estilo representa uma literatura de expressão oral e de raiz popular, com grande habilidade narrativa que ultrapassa de muito o mero registro historiográfico.

FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO (1938/2007) - Estreou como autora com *Em Cada Pedra Um Voo Imóvel* (1957), obra que lhe valeu o Prêmio Adolfo Casais Monteiro. Ganha notoriedade no meio literário a partir de **Morfismos**, em **Poesia 61**, publicação onde se reúnem cinco jovens poetas: Gastão Cruz, Fiama H.P. Brandão, Luiza Neto Jorge, Maria Teresa Horta e Casimiro de Brito. É considerada como uma das mais importantes poetas da contemporaneidade portuguesa. Entre suas obras, destacamos: **Barcas Novas** (1967), **O Texto de João Zorro** (1974), **Homenagem à literatura** (1976), **Obra**

Breve (1991) e **Cenas Vivas** (2000). Destaque-se também sua produção em prosa, teatro e o livro de ensaio **O Labirinto Camoniano e outros Labirintos**, de 1985.

GIL VICENTE (1465/1536) - É considerado o primeiro grande dramaturgo português, além de poeta de renome. Há quem o identifique com o ourives, autor da Custódia de Belém, mestre da balança, e com o mestre de Retórica do rei Dom Manuel. Enquanto homem de teatro, parece ter também desempenhado as tarefas de músico, ator e encenador. É frequentemente considerado, de uma forma geral, o pai do teatro português. A obra vicentina é tida como reflexo da mudança dos tempos e da passagem da Idade Média para o Renascimento. Inúmeros autos famosos e extremamente referenciados ao longo dos séculos. Destacamos: **Auto da Alma**, **Trilogia das Barcas**, **Auto da Índia** e **Autos de Inês Pereira**.

JORGE DE SENA (1919/1978) - Foi poeta, crítico, ensaísta, ficcionista, dramaturgo, tradutor e professor universitário. Vivenciou o exílio, por oposição ao regime salazarista, no Brasil e, depois, nos Estados Unidos, onde veio a falecer, com sólida carreira de docente de literaturas brasileira e portuguesa. Licenciado em engenharia civil, dedicou-se sempre à carreira de Letras. Foi, sem dúvida, um dos maiores intelectuais portugueses do século XX. Tem uma vasta obra de ficção, drama, ensaio e poesia, além de vasta epistolografia com figuras tutelares da história e da literatura portuguesas. Sua obra organiza-se fundamentalmente pela idéia de **testemunho**, defendendo a dignidade humana e a liberdade. De sua vastíssima obra, destacamos em poesia o livro **Metamorfoses** (1963), de sua ficção, o romance **Sinais de Fogo** (1979) e de sua ensaística, os inúmeros estudos sobre a obra Camoniana, do qual foi esmerado leitor.

JOSÉ CARDOSO PIRES (1925/1998) - O seu trajeto pessoal e a sua carreira de escritor são marcados pela inquietação e pela deambulação. Trabalhou como jornalista e redator de publicidade, dedicando-se depois inteiramente à literatura. A relação mais consistente e duradoura, no campo literário, deu-se com o movimento neo-realista português até ao 25 de Abril de 1974. O final de década de 50 e os anos 60 concentram romances importantes, entre os quais: **O Anjo Acorado** (1958), **Cartilha do Marialva** (1960), **Jogos de Azar** (1963), **O Hóspede de Job** (1963) e **O Delfim** (1968). Destacam-se também **Dinossauro Excelentíssimo** (1972) e **Balada da Praia dos Cães** (1982). O livro de crônicas e ensaios **E Agora, José?** (1977) é de grande interesse para compreender sua

relação com a literatura e o mundo. Escritor bastante crítico da situação ditatorial em que viveu, aliou ao conteúdo de denúncia e combate estratégias narrativas de grande modernidade e originalidade. Os prêmios literários e a crítica literária demonstram o lugar importante de sua produção no panorama do romance português moderno-contemporâneo.

JOSÉ SARAMAGO (1922) - Único escritor português galardoado com o Nobel da Literatura (1998), ganhou também o Prêmio Camões, além de outras honras em Portugal e no exterior. De origem pobre e com apenas o ensino industrial, completou a sua formação de forma autodidata. Tornou-se cronista, dramaturgo, poeta, contista e romancista, tendo publicado tardiamente o seu primeiro romance, **Manual de pintura e caligrafia** (1977), considerado a sementeira dos demais que lhe granjearam renome internacional e que podem se agrupar em duas fases: a primeira, de crítica à cultura portuguesa representada por **Levantado do chão** (1980), **Memorial do convento** (1982), **O ano da morte de Ricardo Reis** (1984), **Jangada de pedra** (1986), **História do cerco de Lisboa** (1989), **O evangelho segundo Jesus Cristo** (1991); e a segunda fase, de crítica humanista, iniciada com o **Ensaio sobre a cegueira** (1995), a que se seguiram outros títulos. Algumas obras foram adaptadas para o teatro, a ópera e o cinema.

LUÍS DE CAMÕES (1524/1580) - É frequentemente considerado o maior poeta de língua portuguesa e dos maiores da sua história. O seu génio é comparável ao de Virgílio, Dante, Cervantes ou Shakespeare. Das suas obras, a epopeia **Os Lusíadas** (publicada em 1572) é a mais significativa, representando uma construção fortíssima do imaginário português. Na obra poética de Camões identificam-se dois estilos: o das redondilhas (a medida velha) e de alguns sonetos (a medida nova), na tradição do Cancioneiro Geral; outro, o estilo de inspiração latina ou italiana de muitos outros sonetos e das composições (h)endecassílabas maiores. Sua história de vida apresenta grandes lacunas, mas sabe-se que serviu como soldado do Rei, embarcado para a África, afastado de Portugal cerca de 20 anos. Voltou pobre, doente e envelhecido para Lisboa, onde vem a morrer praticamente na indigência. Sua poesia lírica foi publicada após a morte, com inúmeros problemas de edições, que a crítica especializada até hoje estuda, em busca de um *corpus* seguro.

MANUEL ALEGRE (1936) - Estudou Direito na Universidade de Coimbra. Cumpriu o serviço militar na guerra colonial em Angola, quando participou de movimentos de resistência e foi preso pela polícia política (PIDE). A

perseguição obrigou-o à clandestinidade ou à emigração durante 10 anos. Paralelamente à carreira política, produziu larga obra literária que lhe conferiu notoriedade tanto nos meios académicos quanto nos meios populares. Destacase, sobretudo, a sua produção poética que foi muito premiada, em especial o Prémio Pessoa (1999) concedido pelo conjunto da obra. Tendo vivido no exílio, seus poemas tornaram-se verdadeiras canções de liberdade e de resistência à ditadura. Atualmente, exerce cargo político, além da produção literária. Destacamos as obras *Praça da Canção* (1965), *O Cantos e as Armas* (1967) e *Coisa Amar (Coisas do Mar)* (1976).

MARIA GABRIELA LLANSOL (1931/2008) - Licenciou-se em Direito e em Ciências Pedagógicas. Considerada uma autora cuja escrita mostra-se, aparentemente, de difícil inteligibilidade para o leitor comum, é, no entanto, apontada por muitos como um dos nomes mais inovadores e importantes da ficção portuguesa. A sua carreira literária iniciou-se com *Os Pregos na Erva* (1962), obra que inaugurou uma nova forma de escrever, embora estruturalmente se assemelhe a um livro de contos. *Os cantores da leitura* (2007) é o título do último livro publicado em vida. Escreveu três diários e mais de duas dezenas de narrativas de ficção, número que deve aumentar com os resultados da pesquisa em curso do seu espólio literário em Sintra.

MIGUEL TORGA (1907/1995) - Miguel Torga, pseudónimo de Adolfo Correia Rocha, foi um dos mais importantes escritores portugueses do século XX. Em 1928 entra para a Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e publica o seu primeiro livro, *Ansiedade*, de poesia. Em 1929, com 22 anos, deu início à colaboração na revista *Presença*, que era a bandeira literária do grupo modernista e era também, bandeira libertária da Revolução Modernista. Em 1930 para de colaborar com a revista. Sua obra reúne poesia, contos e diários. Seus livros estão traduzidos para diversas línguas, algumas vezes publicados com um prefácio seu: espanhol, francês, inglês, alemão, chinês, japonês, croata, romeno, norueguês, sueco, holandês, búlgaro.

OLGA GONÇALVES (1929/) - Escritora portuguesa natural de Luanda. Embora tenha feito a sua estréia como poetisa com o volume *Movimento* (1972), a sua atividade foi sobretudo de romancista. Na prosa, a autora debruçou-se sobre aspectos da sociedade portuguesa, como a emigração, as mudanças provocadas pela revolução do 25 de Abril de 1974, o papel da mulher nos movimentos históricos e a sua situação na sociedade. Obras a destacar: *A Floresta em Bremenhaven* (1975), *Este Verão o Emigrante Lâ-Bas* (1978) e *Só de Amor* (1975).

SOPHIA BREYNER DE MELLO ANDRESEN (1919/2004) - Foi uma das mais importantes poetisas portuguesas do século XX. Foi a primeira mulher portuguesa a receber o mais importante prémio literário da língua portuguesa, o Prémio Camões, em 1999. Frequentou o curso de Filologia Clássica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Foi reconhecida, sobretudo, por sua produção lírica. Além de poesia, escreveu também para crianças. Ativa participante política, sua obra testemunha seu estar no mundo crítico e ético. Estreou com *Poesia* (1944) e produziu ao longo dos anos diversas obras poéticas de reconhecida importância no panorama poético português, como *No Tempo Dividido* (1954), *Mar Novo* (1958), *Geografia* (1967), *Grades* (1970) e *O Nome das Coisas* (1977).

RUY BELO (1933/1978) - Poeta e ensaísta português. Licenciado em Filologia Românica e em Direito pela Universidade de Lisboa, obteve o grau de doutor em Direito Canónico pela Universidade Gregoriana de Roma. Exerceu, ainda que brevemente, um cargo de diretor-adjunto no então ministério da Educação Nacional. Apesar do curto período de actividade literária, Ruy Belo tornou-se um dos maiores poetas portugueses da segunda metade do século XX. Suas obras foram reeditadas diversas vezes. Destacou-se ainda pela tradução de autores como Antoine de Saint-Exupéry, Montesquieu, Jorge Luís Borges e Federico García Lorca. Começa a publicar sua poesia em 1961 e deixou importantes obras poéticas que continuar a ecoar na poesia portuguesa contemporânea. Destacamos: *Boca Bilingue* (1966), *Homem de palavra(s)* (1969), *Despeço-me da Terra da Alegria* (1978). Seus livros de poesia encontram-se reunidos em obras completas, em edições recentes.